



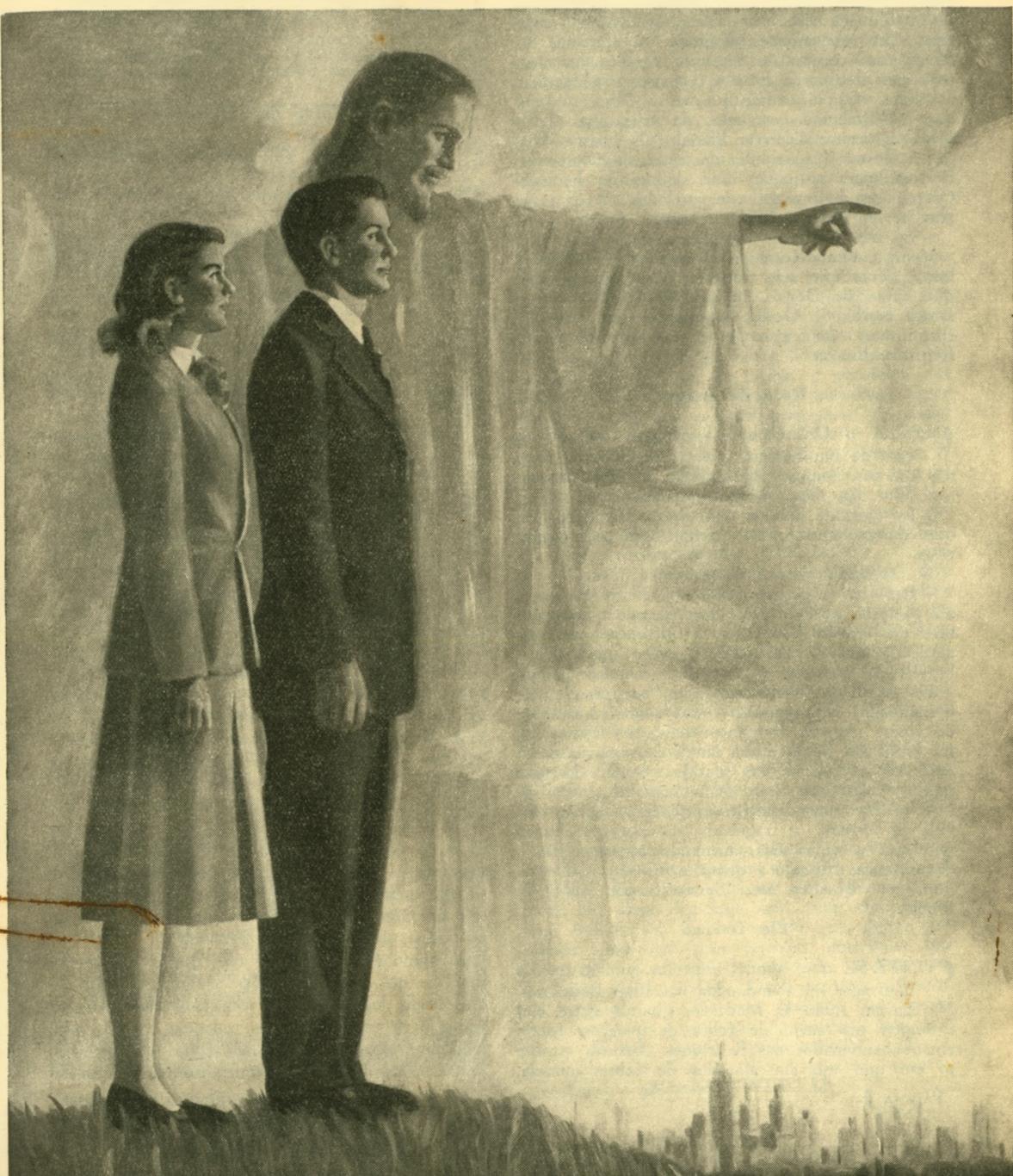
# O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 21

MAIO-JUNHO DE 1955

Nº. 3



# ILUSTRAÇÕES

## Nada que Temer

UM grupo de turistas americanos estava passando alguns dias nas regiões montanhosas da Escócia. Multidões arriscam a vida nessas paragens escalando picos e descendo encostas escarpadas. Esse grupo andava estudando formações rochosas e flôres. Um botânico entusiasta viu, bem abaixo, numa saliência de rochas, algumas flôres raras que êle muito ansiava possuir. Ninguém dentre o grupo se animava a descer. Próximo dali estavam um pai e seu filho com cães, apascentando ovelhas. Uma recompensa avultada foi oferecida ao rapaz, caso consentisse em que se lhe amarrasse ao corpo uma corda forte e descesse para apanhar as flôres. O pai consentiu, mas o filho, se bem que experimentado escalador de montanhas, hesitava em aceitar a oferta liberal. Os turistas buscaram mostrar-lhe a solidez da corda, suficientemente forte para sustentar uma dezena de homens. Os temores do rapaz foram revelados ao olhar êle para o seu robusto pai, e dizer:

— Só irei se papai sustentar a corda!

Com a Onipotência a sustentar-nos, não pode haver dever que seja perigoso demais para qualquer filho de Deus. Ao sustentarem-nos os santos braços de Deus, nada temos que temer. — *Illustrations for Preachers and Speakers*, por Keith L. Brooks.

## Rosa de Saron

CONTA o Dr. Campbell Morgan que foi à casa de um homem que o hospedava e, num dos quartos, sempre sentia forte perfume de rosas. Um dia, disse ao seu hospedeiro:

— Eu gostaria que o senhor me contasse por que, quando entro neste quarto, sinto perfume de rosas.

O cavalheiro sorriu, e respondeu:

— Faz dez anos eu estive na Terra Santa, e ali comprei um vidro de essência de rosas. Estava êle envolto em lã, e, ao desempacotá-lo eu aqui, quebrei o vidro. Pus o vidro quebrado, a lã e tudo mais no vaso que aí está na lareira.

Havia ali um belo vaso que, ao ser por êle destampado, impregnou o quarto com o perfume de rosas. Aquela fragrância havia-se impregnado no barro do vaso, e era impossível que alguém entrasse no quarto sem senti-la. O Dr. Morgan muitas vezes usou o incidente como ilustração de que se fôr concedida preeminência a Cristo na vida do cristão, a fragrância da Rosa de Saron permeará a vida tôda, tornando outros côncios da presença d'Aquêle a quem não vêem. — *Illustrations for Preachers and Speakers*, por Keith L. Brooks.

## Êle Desceu

CONTA-SE que, alguns anos faz, um grupo de náufragos foi abandonado nas Ilhas Rodrigues. Navegavam rumo às Maurício, quando entre êles irrompeu um surto de febre de Java, e foram então abandonados nas Rodrigues. Insistiu o piloto em que estavam atacados de febre amarela,

pestilência temida demais dos navegantes do Pacífico. Havia, então, um médico francês, cuja ocupação era inspecionar todos os navios infestados. Embarcou êle num pequeno bote e postou-se a certa distância do grupo abandonado, de onde, por meio de potente binóculo, examinou os enfermos. Com terror mortal, manteve aquela distância ao examiná-los e receber.

O Senhor Jesus, porém, não se postou numa distante estrêla, fora do alcance dos apelos dêste mundo ferido de pecado. Veio Êle à Terra. Abordou o barco sentenciado. A bandeira prêta do desespero tremulava na Terra, mas para estupefação dos seres angélicos, veio Êle à Terra, a fim de derramar Seu precioso sangue e prover um remédio. Andou entre os pecadores, curou-lhes os leprosos, e deixou-lhes bálsamos de cura para as almas enfiadas de pecado. — *Illustrations for Preachers and Speakers*, por Keith L. Brooks.

## O Valor da Ilustração

PARA manter-se à altura de sua vocação, todo pregador do Evangelho deverá, em seu ensino, e prédica, prestar atenção às ilustrações. Parece ser um rago comum da humanidade que as impressões recebidas por meio de uma ilustração apropriada se tornem mais duradouras e proveitosas. Sabemos todos que para ensinar uma lição, o professor tem que atingir o desconhecido, partindo do conhecido. Às vezes, compara-se uma ilustração com uma janela. Esta permite a passagem da luz: provê de luz um quarto escuro. Uma ilustração é, até certo ponto, uma janela que permite a passagem da luz sobre nosso entendimento.

Temos o exemplo do Senhor Jesus. É mencionado nas Escrituras que as parábolas do Senhor tinham a virtude de fazer ver aos que não queriam enxergar e de ouvir aos que não queriam escutar. O Senhor fêz bom uso das ilustrações. Usou a semente para ilustrar a obra do Evangelho, e também a representou pela luz. Para esclarecer algumas verdades do Evangelho, usou as flôres, e para explicar aos Seus seguidores a urgência do trabalho em prol das almas, disse-lhes que os campos estavam brancos para a ceifa. No capítulo 15 do Evangelho de São João, o Senhor, com habilidade única, faz uso do fruto, para impressionar os discípulos com a necessidade de fazerem trabalho missionário.

A Escritura tôda está repleta de ilustrações. Mesmo os profetas do Velho Testamento delas se serviram. Isaías diz que o povo só servia o Senhor em aparência, mas seu coração estava distante d'Êle. Jeremias faz uso da ilustração do oleiro e do barro para dar uma idéia cabal do que deve ser o humano nas mãos de Deus. São Paulo usa certas figuras sumamente objetivas para dar ao pregador uma idéia do que deve fazer com os novos convertos. Em I Tess. 2:7, diz êle: "fomos brandos... como a ama que cria seus filhos," e no versículo 11 usa a figura de um pai que cuida dos filhos com terna solicitude. O pregador deve cuidar de seus convertos com o mesmo amor que tem o pai aos filhos carnis. São Pedro, para dar uma idéia da forma em que o



Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia

Editado pela  
Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo

Gerente — Bernardo E. Schuenemann  
Redator responsável — Luiz Waldvogel  
Redator associado — Rafael de A. Butler  
Colaboradores especiais  
Walter E. Murray, Walter Schubert

**NOSSA CAPA**

“Levantai os vossos olhos, e vêde as terras,  
que já estão brancas para a ceifa.” S. João  
4:35.



ANO 21

Nº. 3

**ILUSTRAÇÕES**

<i>Nada que Temer</i> . . . . .	2
<i>Rosa de Saron</i> . . . . .	2
<i>Ele Desceu</i> . . . . .	2
<i>O Valor da Ilustração</i> . . . . .	2
<i>Meu Senhor e Eu</i> . . . . .	20

**ARTIGOS GERAIS**

<i>Conjugação de Esforços na Vida —</i> <i>Cap. VI, Disciplina Própria</i> . . . . .	4
<i>Que Ministros Nos Convém Ser?</i> . . . . .	7
<i>O Anticristo na História e na Profecia —</i> <i>IV</i> <i>A Profecia Aponta o Papado</i> . . . . .	9

**EVANGELISMO**

<i>Evangelismo</i> . . . . .	17
------------------------------	----

**ESTUDOS BÍBLICOS**

<i>Confissão e Perdão</i> . . . . .	18
-------------------------------------	----

**NOTAS E NOTÍCIAS**

<i>Chacina de Malacacheta</i> . . . . .	19
<i>Cia. de Cinema da Juventude Cristã</i> . . . . .	19
<i>Concílio Mundial de Igrejas</i> . . . . .	19
<i>Impulso Missionário Maometano</i> . . . . .	19
<i>A Fase de Missão da Igreja</i> . . . . .	19
<i>Monjas Protestantes na Suécia</i> . . . . .	19
<i>A Pena da Crucifixão</i> . . . . .	20

diabo atua na Terra, usa a figura de um leão bramante: “Sêde sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar.” I São Pedro 5:8.

Conhecemos, todos a importância das ilustrações. A irmã White também recomenda aos pregadores o uso das mesmas. Todo orador sabe que a ilustração de uma verdade faz que esta se grave na mente de forma mais duradoura. Dir-se-ia que a ilustração fôsse como que uma âncora para a idéia, firmando-a melhor.

As ilustrações fazem lembrar as coisas com maior facilidade e rapidez. Os pregadores do passado delas se serviram com grande proveito. Algumas das verdades expostas por João Bunyan, em seu livro *O Peregrino*, tornaram-se inesquecíveis porque, para expressá-las, lançou êle mão de ilustrações adequadas para cada caso. Certa vez, Moody ilustrou com um jarro de água a necessidade que temos de estar cheios do Espírito Santo. Levou consigo para o púlpito, o vaso cheio de água mostrando-o à congregação, e fazendo-lhes ver que, por estar cheio, não havia nêle lugar para nenhuma coisa mais. Da mesma maneira, estando cheios do Espírito, não haverá em nós lugar para coisa alguma mais.

Podemos apreciar claramente o valor de uma ilustração por um incidente que ocorreu na guerra entre os Estados Unidos e a Espanha, no ano 1898, e do qual lançou mão o jornalista Elbert Hubbard. Queriam os estadunidenses comunicar-se com certa pessoa de nome Garcia, que se encontrava no coração de Cuba, e enviaram um oficial do Exército para com êle estabelecer contato. Claro está que o mensageiro teve que passar por muitas peripécias, mas finalmente conseguiu entrevistar-se com Garcia, depois de atravessar as linhas espanholas. Elbert Hubbard utilizou êste incidente para ilustrar a necessidade que cada um de nós tem de estar disposto aos sacrifícios e privações da vida diária, a fim de conseguir êxito em seus empreendimentos. Publicou êle um artigo intitulado “Uma Mensagem para Garcia”, lido por milhões de pessoas e reproduzido em vários idiomas. Certa ferrovia dos Estados Unidos fêz circular um milhão e quinhentas mil cópias dêsse artigo, entre seus empregados. As ferrovias da Rússia fizeram o mesmo e, segundo as últimas estatísticas, o artigo foi traduzido para uns vinte idiomas e já produziu para seu autor o rendimento de 250 mil dólares.

Os pregadores devem estar alerta, em busca de ilustrações apropriadas. Também devem ter alguma forma de arquivá-las, quer copiando em cartões e agrupando-as por tema, quer usando outro método qualquer.

As ilustrações usadas em nossos sermões devem ser fáceis de compreender e referir-se ao tema abordado. Uma ilustração não deve desviar o auditório do tema principal, mas, sim, complementá-lo, esclarecê-lo. Tenho notado que alguns pregadores usam em seus sermões ilustrações que atraem tôda a atenção do auditório. É êrro usar ilustrações desta espécie. Os pregadores adventistas, possuímos na Escritura Sagrada, um verdadeiro tesouro de ilustrações, na natureza das ocorrências da vida diária. Aproveitemo-las, pois, como o fêz o Senhor e como o fizeram, também, os profetas e apóstolos! — W. E. M.

# ARTIGOS GERAIS

## Conjugação de Esforços na Vida

ARTUR L. BIETZ

(Membro da Associação Americana de Psicologia,  
Professor de Cristianismo Aplicado, no Colégio de  
Evangelistas Médicos, Pastor da Igreja White  
Memorial.)

### CAPÍTULO VI

#### Disciplina Própria

“AQUI vim em busca de auxílio. Meu problema consiste em que não fui capaz de realizar as coisas que devo fazer. Recebo boas notas no colégio, mas não posso concentrar-me nos estudos durante todo o ano escolar. Procurei toda espécie de trabalhos, mas logo me canso e busco outro. Enamorei-me de muitas senhoritas mas parece que logo me canso delas e, embora já conte 28 anos, ainda estou solteiro. Acha o senhor que pode ajudar-me? Diga-me: Que pode fazer?” Assim me falava um jovem perplexo, que me pedira conselho.

Esse homem representa um grande grupo de pessoas de quem pode dizer-se que sofrem de falta de disciplina própria. Esses indivíduos desejam realizar muitas coisas, mas carecem da disciplina própria necessária para concretizar seus desejos. Os que sofrem desta espécie de debilidade são em geral egocêntricos e absorventes nas relações com seus semelhantes. Sua capacidade para enfrentar as adversidades é muito pequena. Logo que surja alguma dificuldade, dispõem-se a tudo abandonar. Combater a autoridade e recusar aceitá-la é um sintoma que se manifesta comumente entre quem tem falta de capacidade para fazer o que deve. A rotina aborrece essas pessoas, que estão continuamente buscando alguma coisa nova e diferente. Não podem cumprir ordens nem levar a cabo uma tarefa longa e monótona. A vida social torna-se lhes desanimadora, porque se lhes afigura impossível aceitarem as pessoas tais quais são, e não formam amizades fortes e duradouras.

O mau hábito de postergar a solução dos problemas ou a realização dos deveres é uma fraqueza comum entre esta espécie de indisciplinados. Nunca se decidem a escrever as cartas que deveriam haver respondido há semanas. Em geral pagam suas contas somente sob pressão. A grama que deveria ser aparada hoje, é deixada para a semana vindoura. O aluno a quem falta disciplina própria, deixa a realização de seus deveres para a véspera de entregá-los e, mesmo então, ainda os faz a contragosto.

Tais pessoas sempre devem ser aguilhoadas. É-lhes difícil empenhar-se em seus próprios interesses. Tudo quanto fazem deve ser iniciado por

outrem. Em seu trabalho, fazem apenas o que se lhes diz, e nada mais.

Levantar-se pela manhã é todo um pesadelo para o indisciplinado. Tais pessoas têm inclinação para chegar tarde a todo encontro marcado. Tomam tanto tempo para preparar-se para ir à igreja, que toda a família se sente já prejudicada quando por fim partem em direção à casa de culto. As mulheres que sabem que precisam arranjar-se e vestir-se nas primeiras horas da manhã, não deixarão para o meio-dia. Têm a sensação de culpabilidade devido à sua negligência, mas parecem incapazes de reagir.

Os indisciplinados gastam energia nas lutas subjetivas que se produzem pelas coisas que deveriam fazer, mas parecem incapazes de começar suas obrigações. Quando um desses indivíduos por fim começa alguma coisa, trabalha até quase matar-se, mas tampouco está certo de que se está apressando tanto. Ou não tem nada que fazer, ou trabalha como louco. O indisciplinado não possui o senso das proporções; tende a ser fanático, e, por carecer do senso de equilíbrio, vai aos extremos. Ou fica muito perto, ou afasta-se demais; ou é demasiado lento, ou rápido demais. Tais pessoas se submeterão a um regime alimentar que quase matará de fome, ou comerão tanto que aumentarão extraordinariamente de peso. Há momentos em que falam demais, e outros em que não dizem absolutamente nada; são presa de uma felicidade eufórica, ou estão enfermamente acobalhadas. Um elogio os põe em êxtase; uma crítica fá-los passar por uma quantidade de dias de miséria própria e desesperação.

O indisciplinado é amiúde muito religioso quando se vê sustido por um ambiente religioso. Sempre age bem se fôr possível que alguém possa descobri-lo fazendo alguma coisa incorreta; mas se se muda para uma grande cidade, onde pode fazer o que lhe aprás sem que ninguém o perceba, amiúde irá onde o vento assopre. Por não ter domínio próprio, o domínio exterior, procedente de outras pessoas, é o único que pode mantê-lo direito. O novo ambiente não o converte necessariamente em mau, mas a circunstância de já não

estar submetido aos antigos controles, põe em evidência sua falta de disciplina própria.

Se alguém quer viver bem, deve ter domínio próprio. Tanto a complacência como a restrição podem ser exageradas. Deve o indivíduo ter um bom senso de equilíbrio entre ambas. A disciplina e a preparação que são frutos das dificuldades e privações são necessárias para uma vida bem equilibrada. Não basta que o indivíduo satisfaça as suas necessidades fundamentais; estas satisfações devem ser equilibradas e controladas. Um pântano pode tornar-se em foco de infecção, e o mesmo acontece com a vida que não está arremetida e submetida a controles.

A pessoa capaz de conseguir a satisfação equilibrada de suas necessidades, graças a um procedimento bem planejado, crescerá em todo o sentido e realmente viverá; estas duas coisas são sintomas de uma boa saúde mental. O indisciplinado sempre padece da maldição de querer possuir alguma coisa logo que a deseja. Sempre está buscando dez lições fáceis que o convertam em um erudito maduro. Incapaz de sacrificar um prazer imediato por um bem futuro, é vítima constante das circunstâncias. É incapaz de dominar seus impulsos com o propósito de progredir na vida. Falto de uma energia que lhe produzirá grandeza verdadeira e significativa, busca valer-se de influências políticas para alcançar postos que lhe outorguem a aparência de um valor pessoal que não possui.

A falta de disciplina própria pode originar-se em alguns desgraçados incidentes ocorridos na infância. O adulto a quem falta domínio próprio e equilíbrio, sofre os efeitos do desequilíbrio que se manifestou em seu lar entre o amor e a direção. Alguns pais administram disciplina severa sem nenhuma manifestação de amor, e outros revelam sentimentalismo sonso, sem nenhuma capacidade para controlar e dirigir. Em ambos os casos, será difícil para a criança o dominar-se ela na vida ulterior.

Para que seja eficaz a disciplina na infância, deve manter o equilíbrio com amor e compreensão; igualmente deve o amor equilibrar-se com correção e direção. É verdade bem estabelecida que ao dar um corretivo quando um mau ato é praticado, e oferecer uma recompensa quando feita alguma coisa boa, são as melhores formas de ensinar e contribuir para o crescimento espiritual e psíquico da pessoa. A liberdade demasiada priva a criança do conceito de autoridade, necessário para a sua disciplina. Pôr ênfase demasiada nas ordens negativas, é sem dúvida pernicioso também. Ainda assim, na educação de uma criança deve haver certa quantidade de orientação direta e sem transigências. Se não há suficiente proteção externa e domínio na infância, não haverá suficiente domínio próprio para que o adulto seja disciplinado.

Bom seria que lançássemos um olhar aos meios pelos quais o domínio externo da infância se converte no controle interno e na disciplina própria da idade adulta. Muitos pais são estritos no domínio externo, somente para descobrir que os filhos, uma vez crescidos, lançam às urtigas tôdas as precauções da infância. Que anda mal nesse sistema? O domínio externo imposto pelos pais nunca será aceito sem que êstes sejam amados e apreciados. Os pais que foram estritos na disci-

plina, sem prodigalizar aos filhos o amor, a compreensão e o afeto que merecem, descobrirão que, em forma de protesto mudo, êses filhos se desligarão de tôdas as restrições que êles lhes tenham imposto. Tudo quanto os pais estimam e apreciam, será rechassado pelos filhos, porque não amam os seus progenitores. Visto que os filhos não se sentiram amados nem compreendidos dos pais, e dado que não têm nenhum sentimento de afeto para com êles, é-lhes sumamente fácil desvencilhar-se, sem nenhum remorso, de todos os regulamentos que os pais trataram de impor-lhes. Ao fazê-lo, sentem-se aliviados de uma carga. Os pais, que se haviam convertido num fardo, por nunca haverem amado os filhos, vêem-se desprezados juntamente com os regulamentos, e os filhos tratam de esquecer os incidentes desagradáveis da infância.

Lancemos agora um olhar às crianças que crescem entre adultos que têm domínio próprio. Tais crianças recebem direção, correção e amor. Os pais têm regulamentos e domínio, mas dão os primeiros e exercem o segundo, com compreensão e amor. As crianças aprendem a amar os pais e a nêles confiar. Visto alimentarem sentimentos profundos para com os pais, estão também intimamente convencidos da justiça dos regulamentos que lhe são impostos. O conhecimento do que é justo, divorciado do sentimento de amor, é completamente ineficaz. A pessoa tem disciplina própria porque está intimamente convencida disso e há, além disso, sentimentos afetivos profundamente ligados a essa convicção, e dêste modo sente-se impulsionada a fazer o que sabe ser correto. O simples conhecimento carece totalmente de motivos. Saber o que é correto não é garantia de que se vá agir corretamente. Os sentimentos relacionados com o que é correto e incorreto, surgem na criança somente como resultante do profundo amor e dos afetos que a ligam aos pais.

Os que procedem mal, em geral não ignoram o que é o bem. Qualquer degenerado poderia dar explicação de qual deveria ser o comportamento de um bom cristão. Não lhes falta o conhecimento quanto a como deva viver o homem, mas estão totalmente desprovidos de afetos nesse sentido. Tais filhos agirão mal e amargarão o coração paterno, mas todo o mal que façam não lhes tirará um segundo sequer de sono. São capazes de agir mal e dormir como crianças inocentes, porque não têm o senso do mal e do bem, embora possam explicar claramente a diferença existente entre ambos.

A disciplina própria depende, portanto, e sobretudo, do amor e da orientação recebidos no lar. O conhecimento do correto, unido ao profundo amor aos pais, que conduzirão por um caminho correto, dão em resultado uma vida de domínio próprio. Quando um filho ama os pais, os regulamentos dêles são por êle intimamente aceitos, e o sentimento vinculado com êses regulamentos garantirá que a pessoa proceda de conformidade com o que sabe ser correto.

Bem fariamos com analisar o procedimento dum criança mimada. Essa criança possui pais demasiado suaves e indecisos quanto a como devem dirigi-la. Os pais que se manifestam temerosos de agir quando corrigem os filhos, não imprimem nem convicção nem certeza aos seus atos, e, portanto, não impressionam a mente da criança. Se-

ja o que fôr que faça o filho para atormentar os pais, não importa quão incômodo seja o seu procedimento, não pode fazer-lhes retrair o seu afeto.

Nos casos em que a disciplina é assim indecisa, a criança não recebe ajuda alguma do sentimento de culpabilidade que surge espontaneamente como resultante de seu mau procedimento. Essa criança nunca se sente agradecida aos pais por sua atitude de brandura que lhe manifesta, visto ser mantida em continuo estado de suspensão devido aos seus sentimentos íntimos de culpabilidade, e ainda se ressentido de ser deixada tão só. A excessiva brandura dos pais dá em resultado um indivisível sentimento de insegurança. Deixa a criança totalmente abandonada a si mesma antes que seja capaz de enfrentar adequadamente a vida; deixa a criança a mercê de suas próprias emoções tormentosas, as quais não recebem alívio devido a que perdeu o favor dos pais. As crianças mal educadas albergam sentimentos malignos para com os pais. Desgostosas com os adultos por motivo de sua brandura, fazem ostentação dos mais perigosos tipos de sanha contra eles.

Ao filho de um pai demasiado complacente nunca se lhe pediu que fizesse coisa alguma que o desagradasse. Certa vez em que o pai lhe pediu que se lavasse para tomar a refeição, a criança desandou em imprecações e deu rédea solta a uma ira violenta. Essa criança havia sido arruinada pela debilidade paterna. Seu desejo de chegar à plena maturidade tinha por base a idéia de deixar o pai com preocupações tais que lhe manifestassem ressentimento ante seu mau comportamento. O que essa criança estava em realidade pedindo ao pai era que resolvesse suas lutas mercê de um procedimento mais positivo e corretor. Suas imprecações e juramentos eram em realidade um pedido de que lhe fôsse administrada disciplina que lhe minorasse a ansiedade vinculada ao sentimento de culpabilidade que tão profundamente a afetava.

Alguns pais dizem:

—O que você quer é uma surra. Continue a aborrecer-me e irá recebê-la!

Ao dizer isto, realmente têm razão. Uma ilustração interessante do que estamos dizendo ocorreu certa vez com uma criança de nove anos, que estava recebendo tratamentos para a gagueira, defeito psicológico que tinha como causa os sentimentos sempre reprimidos da criança. O pai e a mãe eram almas ternas, e êsse era o seu único filho. Certa vez pilharam a criança furtando dinheiro. A mãe tratou de desculpar o procedimento do filho, dizendo que não sabia que êsse dinheiro pertencia a outra pessoa. A criança, no íntimo da alma, não desejava solucionar o problema em forma tão disparatada.

—É claro que eu sabia de quem o dinheiro era! disse. Porque não me deram uma surra? Quem me dera que o tivessem feito!

Essa criança, inconscientemente, estava pedindo que se lhe desse disciplina e correção, mas foi-lhe penoso recebê-las.

As crianças sabem quando estão procedendo mal, e êsse conhecimento lhes infunde um sentimento de culpabilidade. Por isso não se respeitam a si mesmas. Quando os pais não tomam em conta o seu mau procedimento, imediatamente perdem por eles todo o respeito. Esta é a

causa de que as crianças percam o respeito aos pais complacentes. Todas se mostram conscientes dêsse mesmo desejo de alcançar alívio de seu sentimento de culpabilidade, tratando de buscar castigo em sua vida adulta. Dizem:

—Se apenas houvessem feito alguma coisa... Se me tivessem dado uma surra, ou coisa que o valha!

A consciência culpada trata de alcançar alívio para o seu sofrimento, buscando correção. Certa tarde houve necessidade de dar um corretivo a uma menina. Ao ser ela levada, à noite, para a cama, lembrou-lhe a mãe que fôra desobediente. A criança respondeu:

—Maria foi desobediente. Mamãe lhe deu uma surra. Agora não falemos mais nisso.

A disciplina resolvera o problema, e já não havia necessidade de falar mais no assunto. A criança alcançara alívio e tudo ia bem.

As crianças necessitam de ter a segurança que lhes infundem os pais que sabem lidar com elas quando parece impossível mantê-las em sujeição. Quando as crianças sentem que são superiores aos pais, sentem-se desgraçadas. Conta-se o caso de certo rapazinho chamado Eduardo, de sete anos, que sofria graves desajustamentos em sua personalidade. O conselheiro da escola conquistara o respeito da criança, mostrando que sabia que fazer quando o rapaz se tornava insuportável.

“Eduardo parecia muito satisfeito, e demonstrava seu contentamento por seu conselheiro poder protegê-lo. Seu pai, dizia êle, nunca teria podido fazê-lo. Contou como costumava lutar com o pai, e como em geral conseguia vencê-lo seis vezes em sete. Prosseguiu contando que o pai não era tão bom lutador quanto êle; era tão fraco que, mesmo nas poucas vezes em que vencia, apenas podia pôr contra o solo ambos os ombros de Eduardo. Não obstante, Eduardo era pouco desenvolvido para a sua idade. O pai fôra oficial da armada e fazia pouco que abandonara o serviço ativo com condecorações que lhe atestavam o valor.

“Três meses de escola bastaram para que Eduardo admitisse francamente que sentir-se superior a seu pai era alguma coisa bem pouco consoladora, que a verdadeira vantagem para uma criança consiste em crer que os adultos lhe são superiores e, portanto, muito capazes de protegê-los. Um dia disse êle a êsse mesmo conselheiro que êle sabia cantar toda espécie de canções campesinas, e acrescentou:

—Sou muito bom nisso, e essa é a dificuldade!

Perguntou-lhe o conselheiro em que consistia o mal, ao que respondeu:

—Papai não é muito bom nisso: essa é a dificuldade!

Não há quem não tenha ouvido uma criança dizer:

—O meu pai ganha do de você!

As crianças precisam sentir que seus pais são suficientemente fortes para protegê-las.

A segurança da criança repousa na capacidade dos pais para protegê-las e, necessariamente, dominá-las. Também encontramos os lares em que se executam as coisas em conformidade com o ritmo e os interesses das crianças, como se não houvesse presentes adultos sérios. Lares tais não estão em condição de proporcionar saúde emocional, porque são lares artificiais, em que os pais agensamente e permitem que as crianças dirijam a vida

dos adultos. A insegurança resultante é grande, pois os protetores das crianças precisam estar ausentes, e estas se sentem confundidas no tocante à forma em que este mundo funciona e quanto à sua própria capacidade e importância.

Dois fatores são necessários para educar a criança: amor e direção. Quando dirigida sem manifestação de amor, a criança desenvolve-se anormalmente; quando se revela amor a uma criança, sem o menor intento de dirigi-la, disso também resulta anormalidade. Toda direção deveria dar-se com o propósito de desenvolver o domínio íntimo e a autodisciplina. Não é possível que se desenvolva o domínio, a menos que se haja estabelecido primeiramente o controle externo. Os regulamentos do lar chegam a ser efetivos no íntimo da alma da criança graças à amorosa relação com os pais, e deste modo os hábitos de autodisciplina darão em resultado que a criança cresça até chegar a ser uma pessoa que possa desenvolver-se só na vida, dotada de domínio próprio e capaz de alcançar bom êxito.

As crianças estão ligadas aos pais pelo afeto e a autoridade, e esta se manifesta em última instância em alguma espécie de disciplina. Os laços afetivos são muito mais íntimos que os produzidos pela mera autoridade, mas não são opostos uns aos outros. Entretanto estou ainda por ver a criança cujo afeto fique prejudicado pela correção justa e sadia, e pela direção. Os fatos refutam o falso conceito de que as crianças se resentem com a correção.

As crianças bem educadas não se ressentem quando se lhes administra justiça; ao contrário, ressentem-se com a injustiça e a excessiva severidade. Sem nenhum rasgo de malícia nem inflexão de ressentimento, as crianças costumam fazer declarações desta espécie: "Mamãe me deu uma surra esta manhã porque eu me pus a sapatear e, quando ela me chamou, lhe respondi que não iria."

Sem a faculdade da disciplina própria, ninguém pode conservar a saúde mental e viver bem.

## Que Ministros nos Convém Ser?

W. E. MURRAY

(Presidente da Divisão Sul-Americana)

"PORQUE nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus", foram as palavras do apóstolo Paulo, ao dirigir-se aos anciãos da igreja de Éfeso, junto à praia. A histórica reunião congregou um grupo de líderes na causa de Deus pela última vez na vida. Ao pensar o apóstolo sobre que diria a esses homens que iriam enfrentar dificuldades na igreja, dentro em pouco, deve ter-lhe buscado diligentemente alguma coisa que comunicasse ânimo e instrução para o futuro. Buscou em sua própria experiência de ministro e de líder, algum conselho que pudesse ser-lhes um auxílio eficaz. Poderia haver-lhes relatado seus longos anos de ministério e exortado a seguir-lhe o exemplo. Poderia haver citado a sua bravura em face do perigo como obreiro evangélico. Poderia ter apresentado o seu exemplo de repartir as suas posses pessoais com os coobreiros para a causa de Deus.

Pôs-lhe de lado tudo isso e disse a esses irmãos que sua maior satisfação era que fôra fiel no anunciar-lhes "todo o conselho de Deus." A fidelidade no transmitir aos crentes o plano de Deus, a instrução da Palavra, a exortação das Santas Escrituras, era o maior gozo e satisfação do apóstolo. Ensinar a Palavra de Deus, dar conselho, apegar-se aos retos princípios da verdade, defender a fé, contra os insidiosos ataques dos professores crentes e dos estranhos ao rebanho, mostrar aos gentios como o homem do seu tempo podia e devia ser cristão, essas, atentai bem, eram as qualidades do ministro, que o apóstolo exaltou como tocha esplendente perante os obreiros de todas as eras, por preceito e exemplo.

O apóstolo escreveu ao seu filho na fé, Timóteo, e exortou-o a examinar o seu próprio ministério, evidentemente a intervalos freqüentes, para ver se afinal seria aprovado como obreiro. Sem dúvida o apóstolo Paulo examinou seu próprio ministério muitas vezes para ver se estava sendo orientado em rumo certo. Seus escritos dão prova desse exame constante. Como ministros e obreiros nesta época da história da igreja, bem faremos em examinar o nosso ministério freqüentemente, para ver se estamos sendo guiados por princípios que nos serão afinal uma satisfação, e se seremos afinal aprovados pelo Grande Juiz no término de nossa carreira. Não me resta dúvida de que alguns bem-intencionados obreiros cristãos de hoje em dia estão empregando o seu tempo, em grande parte, em coisas secundárias, com negligência das essenciais. Alguns põem ênfase nas aparências exteriores, quando a nossa ênfase deve ser posta na experiência do coração. Alguns podem estar empregando a maior parte do seu tempo numa série de atividades, quando deveriam estar tomando mais tempo para oração e meditação. Alguns podem haver perdido o conhecimento e o censo de "pôr em primeiro lugar as coisas essenciais." O apóstolo, nas palavras citadas a princípio, lança-nos a todos um desafio para corrigirmos o nosso ministério segundo o grande princípio de declarar todo o conselho de Deus à igreja de Deus hodierna. Cada dia da vida do obreiro deve ser um dia de exame. Todos os obreiros cristãos bem farão em "fechar o estabelecimento para balanço" uns poucos minutos em cada dia de sua vida.

O apóstolo mostra alguns princípios importantes da carreira no ministério evangélico, ao insistir no princípio de tornar conhecidos todos os conselhos de Deus neste capítulo vigésimo dos Atos. No

vigésimo versículo expõe êle à atenção dos irmãos que o declarar todo o conselho de Deus só é feito mediante trabalho árduo. Declara que lhes "anunciou" e "ensinou". Invocou todos os princípios de pedagogia dêle conhecidos, na momentosa tarefa de incutir no coração dos crentes as lições da Palavra. Ilustrou as verdades. Apelou para a lógica. Comparou as lições que desejava ensinar a fatos e princípios dêles conhecidos. Avançou do conhecido para o desconhecido. Foi, a seguir, "pelas casas". Trabalhou com as pessoas, uma a uma.

Podemos nós imaginar o apóstolo indo às mais distantes partes da cidade, em busca de um irmão ou irmã desanimados, assentando-se com êles e apontando-lhes o caminho, corrigindo-os, suplicando-lhes a que confiassem em Deus, cressem em Jesus, e finalmente, com êles se ajoelhando em oração? Vinha depois a despedida, e o apóstolo rumava para a sua humilde sede, talvez meditando se conseguira o fim almejado na visita. Surgia-lhe então na memória a lembrança do seu chamado no caminho de Damasco. Lembra-se, então, de que essa era justamente a maneira de Jesus trabalhar, e compreendia que não é o servo maior que seu mestre. Então, por certo, ajoelhava-se junto à sua habitação simples, e agradecia a Deus que por seu trabalho fiel de revelar ao povo "todo o conselho de Deus", o reino tinha que ser edificado. Esse foi o trabalho de cada dia do apóstolo durante os longos anos de seu ministério. Depois, ao aproximar-se do fim de sua carreira, e lançar sôbre êsses anos um olhar retrospectivo, a recompensa do seu ministério é a fidelidade à tarefa de revelar por meio de trabalho árduo e pela graça de Jesus todo o conselho de Deus. E-lhe a tocha que lhe alumia o caminho para o reino.

O poder e a força do exemplo pessoal são expostos com todo o fulgor no versículo 35, em que o apóstolo declara: "Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim,..." Os ministros e obreiros cristãos de hoje bem farão em lembrar-se do exemplo do apóstolo, ao declararem "todo o conselho de Deus." Muitas doutrinas importantes são muitas vezes pregadas aos ministros hoje em dia. Eu quero pôr ênfase na palavra "todo". A nossa pregação deve conter uma larga margem dos temas fundamentais de nossa esperança. Todo ministro pode com proveito planejar uma série de sermões para o ano inteiro, os quais devem incluir as verdades básicas da Igreja cristã.

Deve o ministro pregar de forma que atinja o individuo com o seu apelo. Deve ser procurado pelo ministro bem desperto, novo material que illustre os velhos temas, numa imitação do apóstolo, quando diz que anunciava aos crentes e ensinava-lhes. Nós, como ministros, precisamos despertar-nos para os tempos em que vivemos. Diz o mundo que esta é a Era Atômica. Para o ministro, a era deve ser impelente e desafiadora. Não deixemos de preparar o povo para encontrar-se com o seu Deus.

Tempos de grande provação estão para sobrevir-nos. Paulo advertiu os anciãos de Éfeso dos males que logo lhes sobreviriam. Se quisermos merecer o reconhecimento de uma igreja agradecida, devemos ser homens, com a bravura para expor aos crentes os perigos iminentes, e isto não

é uma linguagem incerta. Os membros indiferentes do rebanho de Deus, caso não forem cuidadosamente advertidos dos perigos iminentes, serão apanhados de surpresa por não estarem preparados quando o Senhor vier. Nosso dever é-nos mais evidente ainda, ao pensarmos em que alguns dos indiferentes podem ser membros de nossa própria família. Oh! ministros de Deus, ergam-nos para declarar "todo o conselho de Deus", e fazê-lo "pelas casas", "com muitas lágrimas".

Uma maneira tôda especial há em que o ministro de Deus deve tornar conhecido o conselho de Deus. Precisamos aconselhar e instruir os individuos. Muitas pessoas na igreja necessitam de conselho pessoal. Alguns vêm ter conosco, mas, na maioria dos casos, o ministro precisa ir ter com as pessoas. Bem posso imaginar que o ministério de São Paulo incluía grande número de colóquios pessoais com pessoas em suas próprias casas. Declara êle que não cessou "noite e dia, de admoestar com lágrimas a cada um". Apelo aos nossos ministros adventistas para uma renovada ênfase no trabalho pessoal. Demos, todos, mais atenção às nossas entrevistas pessoais! Ao fazermos admoestações pessoais, mostremos nosso aprêço pelas boas qualidades da pessoa a quem queremos corrigir. A lisonja arruína, ao passo que a apreciação anima e edifica a alma. Ao buscarmos mostrar a outros o "conselho de Deus", sejamos cuidadosos com nossas palavras. As palavras ofensivas despertam a ira. "Sob tôdas as circunstâncias, a censura deve ser expressa com amor." — *Parábolas de Jesus*, pág. 337. "Os errantes só podem ser encaminhados com um espírito de mansidão, bondade e terna simpatia." — *Test. para a Igreja*, pág. 182.

O conselheiro bem sucedido sempre ora muito antes de ter uma entrevista. Pedi do Senhor sabedoria e graça. Com acêrto, escreveu alguém: "Os homens que advertem outros homens, devem ser homens de oração, estudiosos profundos da Bíblia, observadores cuidadosos dos procedimentos de Deus, humildes ao extremo, devotos, zelosos, pessoas fiéis que preferem morrer a exagerar alguma coisa ou negligenciá-la."

Ao nos aproximarmos do fim de tôdas as coisas, não poremos nós nova ênfase no trabalho individual com as almas? Aproveitemos tôda oportunidade que surja. Oremos fervorosamente a Deus para que nos depare as oportunidades de dar o "conselho de Deus" aos que dêle careçam. Reestudemos os nossos métodos. Examinemos as Santas Escrituras em busca de meios e modos de mostrar e ensinar o caminho certo às pessoas, individualmente. Imitemos o apóstolo Paulo em seu grande esforço de, pela graça divina, declarar "todo o conselho de Deus" à igreja. Que experiência extraordinária terão os ministros adventistas ao exercerem a mesma confiança do apóstolo quando, no nome de Deus, nos aproximarmos do fim de nosso ministério!



# O Anticristo na História e na Profecia - IV

FRANK H. YOST

## A Profecia Aponta o Papado

**A**CERCA da "ponta pequena", o profeta diz: "Ele proferirá palavras contra o Altíssimo." Pareceria que o papado houvesse de surgir ansiosamente das páginas da História para informar que suas declarações isentam de todo equívoco a identificação procurada.

Deve ser exercido cuidado, porém, ao selecionar as pretensões papais, no sentido de que sejam declarações oficiais. Ao serem citadas autoridades católico-romanas, o prestígio da autoridade que formulou as declarações deve ser tal que lhes empreste validade.

A maior parte das fontes válidas são as reconhecidas decretais dos papas. Quando o papa fala *ex-cathedra*, isto é, de seu trono de sumo pontífice, para pronunciar-se acerca da fé e da moral, suas declarações não estão apenas somente investidas de autoridade, mas são infalíveis. As declarações dos membros da cúria romana, o conselho de assessores do papa, formado pelos cardeais, e que conta com a ajuda dos chefes dos vários departamentos e congregações do papado, são oficiais. Deve ser lembrado que os cardeais não constituem em si uma classe na hierarquia católico-romana, como seria o caso dos diáconos, os sacerdotes e os bispos, mas são uma classe da nobreza eclesiástica separada da hierarquia e à qual foi atribuída um posto honorífico nas diversas igrejas da própria cidade de Roma, em virtude da qual levam o título de cardeal-diácono, cardeal-sacerdote, ou cardeal-bispo. Os cardeais dos Estados Unidos são bispos, segundo sua dignidade eclesiástica — de fato, arcebispos — mas, alguns dos de Roma são simples sacerdotes. O título *cardinal* (do latim *cardo* "gonzo") significa que estão tão intimamente unidos ao papa, como os gonzos à porta. Uma vez generalizado, o título se reduziu a um emprêgo mais particular desde 1568. As declarações dos cardeais se revestem de autoridade.

A autoridade eclesiástica da Igreja de Roma reside nos bispos, dos quais o papa é o chefe. Quando uma publicação leva o *imprimatur* do bispo, reveste-se de autoridade. Enciclopédias tais como "A Enciclopédia Católica", que leva o *imprimatur*, têm validez. Os catecismos, para poderem ser usados, precisam levar o *imprimatur*. As publicações que difundem, nos Estados Unidos, o Concílio Nacional do Bem-Estar Católico, apoiam-se na alta autoridade episcopal. Os cânones dos concílios episcopais reconhecidos pela igreja também podem ser considerados autoridade.

Além das declarações oficiais católicas, existem documentos empregados durante muito tempo pela igreja, que podem ser considerados autorizados pela sanção do uso. Os escritos daqueles pais, acerca dos quais a igreja reconhece que formam parte da tradição inspirada, constituem um grupo superior desta classe. Um documento sancionado por sua antiguidade e por seu uso, é a coleção conhecida com o nome de "Decretum" de Gra-

ciano. Conquanto nunca reconhecido oficialmente pela igreja, tal como o declaramos anteriormente, está revestido do acatamento que lhe outorgam séculos de emprêgo oficial. Grandes obras históricas, tais como os "Anais" de Barônio, que é a resposta católica à grande apologia protestante dos membros da reforma: a "Magdeburg Centuries", obra de Belarmino, e obras de sua espécie, têm muito peso.

As declarações dos teólogos dos centros de estudos católicos são muito acatadas, mas não necessariamente autorizadas. As declarações dos sacerdotes podem somente ser tomadas como opinião dos mesmos. Os periódicos publicados sob a supervisão dos bispos para os leigos católicos em suas dioceses, dos quais *Our Sunday Visitor* é um exemplo nos Estados Unidos [*A Ave Maria* e *O Domingo*, no Brasil] não levam *imprimatur* e podem ser rejeitados com todo o êxito pelos católicos, se empregados em controvérsias que possam pôr em desvantagem os defensores do catolicismo. Tal matéria reflete o pensamento católico, mas não o ensino oficial do catolicismo. O mero fato de que uma citação seja "católica" não significa que convenha ser usada.

### Proferirá Palavras

Embora, porém, haja que exercer tais precauções, ao selecionar as declarações relativas ao papado, muito do que é válido e digno de confiança pode ser obtido das fontes católicas, como demonstração das pretensões blasfemas da Igreja de Roma.

"Outro Deus na Terra." — MARCELLUS (1)

"Senhor Deus o papa." — GRACIANO, DECRETUM. (2)

"Ocupamos na Terra o Lugar de Deus Todopoderoso." — PAPA LEÃO XIII. (3)

"Verdadeiro Vigário de Cristo." — Concílio de Trento. (4)

"Vigário do Encarnado Filho de Deus." — CARDEAL MANNING. (5)

"Vigário do Filho de Deus." — CARDEAL MANNING. (6)

"Vigário na Terra, não de um mero homem, mas do próprio Deus." — DECRETUM. (7)

1. "Oratio", de Christophorus Marcellus, na quarta sessão do quinto Concílio de Latrão, na obra de Labbé e Cossart, "Sacrossancta Concilia", Vol. XIV, col. 109.

2. *Glossa* acerca das *Extravagantes* do papa João XXII, título 14, cap. 4, (Ver *O Conflito dos Séculos*, pág. 50, também pág. 679 (Apêndice).

3. *Carta encíclica*, de 20 de junho de 1894, em *As Grandes Cartas Encíclicas de Leão XIII*, pág. 304.

4. Labbé e Cossart, op. cit. Vol. XIII, col. 1.167.

5. Manning, *The Temporal Power of the Vicar of Christ*, págs. 46, 47 e 244.

6. *Idem*, págs. 8, 13, 17, 21, 141, 190, 231 e 232.

7. *Decretales Gregorii Pap. IX*, livro I, "de transl. Episcopii", título 7, cap. 3. Ver o apêndice da pág. 5 em *O Conflito dos Séculos*, pág. 679.

"1. Que a igreja romana foi estabelecida só por Deus.

"2. Que unicamente o pontífice romano pode ser chamado corretamente universal.

"3. Que somente ele tem o poder de repor os bispos.

"4. Que seu legado, embora de ordem eclesiástica inferior, preside sobre os bispos reunidos em concílio, e tem a faculdade de ditar contra eles sentença de deposição.

"5. Que o papa tem a faculdade de depor os que estão ausentes [isto é, sem sequer prestar-lhes ouvido.]

"6. Que, entre outras coisas, não devemos permanecer na mesma casa daqueles a quem ele excomungou.

"7. Que só ele tem o direito, de conformidade com o que ditam as circunstâncias, de decretar novas leis, criar novos bispados, dar a categoria de mosteiro a um grupo de monges e vice-versa, e também dividir um bispado rico ou unir vários bispados pobres.

"8. Que ele somente pode usar a insígnia imperial.

"9. Que todos os príncipes devem beijar os pés do papa somente.

"10. Que somente seu nome deve ser citado nas igrejas.

"11. Que os nomes a ele aplicados pertencem a ele somente.

"12. Que tem o poder de depor imperadores.

"13. Que tem a faculdade de transferir bispados, de uma sede para outra, quando o julgue necessário.

"14. Que tem a faculdade de ordenar para o sacerdócio qualquer pessoa de qualquer parte da igreja.

"15. Que qualquer pessoa por ele ordenada pode governar [como bispo] sobre outra igreja, mas não pode servir [como sacerdote] nela, e que tal clérigo não deve receber hierarquia mais elevada que nenhum outro bispo.

"16. Que não se pode convocar um concílio geral sem sua ordem.

"17. Que nenhum acôrdo de um concílio, nem nenhum livro pode ser considerado canônico sem a sua autorização.

"18. Que seu decreto não pode ser anulado por ninguém, e que ele pode anular o decreto de todos.

"19. Que não pode ser julgado por ninguém.

"20. Que ninguém se atreverá a condenar uma pessoa que haja apelado para a sé apostólica.

"21. Que os casos importantes de qualquer igreja devem de ser referidos à Igreja Romana [isto é, ao papa].

"22. Que a Igreja Romana nunca errou e nunca errará por toda a eternidade, em conformidade com o testemunho das Sagradas Escrituras.

"23. Que o pontífice romano, que foi canonicamente ordenado, é santificado pelos méritos de São Pedro, em conformidade com o testemunho de Santo Enódio, bispo de Pavia, o que confirmam muitos dos santos pais, e tal como se manifestam nos decretos do bem-aventurado papa Símaco.

"24. Que por seu mandado ou permissão os súditos podem acusar seus governantes.

"25. Que podem depor e repor bispos, sem convocar um concílio.

"26. Que ninguém se pode considerar católico sem estar em conformidade com a Igreja Romana.

"27. Que tem a faculdade de relevar os súditos de seu juramento de fidelidade aos governantes ímpios." (8)

"Todos os nomes que nas Escrituras se aplicam a Cristo, aplicam-se também ao papa." — *Belarmino*. (9)

"O papa é de uma dignidade tão grande e tão exaltada, que não é mero homem, mas como se fôsse Deus e o Vigário de Deus.

"O papa é de tão elevada e suprema dignidade que, falando com toda a propriedade, não foi colocado em nenhuma hierarquia de dignidade, mas pôsto acima de todas as hierarquias e dignidades.

"Diz-se que o papa é santíssimo porque se presume corretamente que o seja.

"Os imperadores e os reis não podem ser chamados santíssimos; porque conquanto nas leis civis a expressão 'sacratíssimo', em algumas oportunidades tenha sido usurpada pelos imperadores, nunca o foi a expressão 'santíssimo'.

"Somente o papa merece receber o nome de 'santíssimo', porque só ele é o Vigário de Cristo, a fonte e a plenitude de toda a santidade.

"O papa, devido à excelência de sua suprema dignidade, é chamado bispo dos bispos.

"Também é chamado ordinário dos ordinários. "Igualmente é bispo da Igreja Católica [universal].

"É igualmente o monarca divino, o imperador supremo e rei dos reis.

"Daí ser o papa coroado com uma coroa tripla, como rei do Céu, e da Terra, e das regiões inferiores.

"Ainda mais, a superioridade e o poder do pontífice romano de maneira nenhuma se circunscreve somente às coisas celestiais, às terrestres ou às que se encontram debaixo da Terra, mas estende-se sobre os anjos, entre os quais é ele o maior.

"De maneira que se fôsse possível que os anjos pudessem errar em assuntos de fé, ou pensar de maneira contrária à fé, poderiam eles ser julgados e excomungados pelo papa.

"Porque sua dignidade e poder são tão grandes, que forma um e o mesmo tribunal com Cristo.

"De maneira que tudo quanto o papa faça, parece proceder da boca de Deus, em conformidade com a maioria dos doutores, etc.

"O papa é como se fôra Deus na Terra, único soberano dos fiéis de Cristo, chefe dos reis, dotado da plenitude do poder, a quem foi confiada pelo Deus onipotente a direção, não somente do reino terrestre, mas também do celestial.

"O papa possui uma autoridade e um poder tão grandes, que pode modificar, explicar e interpretar até mesmo as leis divinas.

"O papa pode modificar a lei divina, pois seu poder não é de homem mas de Deus, e atua como Vigário de Deus na Terra com o mais amplo poder de ligar e desligar as suas ovelhas.

"Tudo quanto o próprio Senhor Deus e o Redentor se diz que fazem, isso faz também Seu

8. Thatcher e McNeal, *A Source Book for Medieval History*, págs. 136 e 139.

9. Belarmino, *On the Authority of the Councils*, (1619) livro 2, cap. 7, Vol. II, pág. 266.

Vigário, com a condição de que nada faça contrário à fé." Ferraris. (10)

"Tem o primado sobre todo o mundo."

"Cabeça de toda a igreja."

"Pai e mestre de todos os cristãos." — Concílio de Trento. (4)

"O mais elevado poder no mundo."

"Ungido sumo-sacerdote."

"Supremo governante temporal." — Cardeal Manning. (5)

"Exerce as funções não de mero homem, mas do verdadeiro Deus." — Gregório, "Decretum." (11)

"Dissolve, não por autoridade humana, mas divina." — *Idem*. (11)

"O poder monárquico não é superior ao pontifical, mas está a ele sujeito e submetido à sua obediência." — *Idem*. (12)

"Príncipe sobre todas as nações e sobre todos os reinos." — Papa Pio V. (13)

"Tem poder para impor leis; ... bem como para conceder dispensação dessas leis, ... para anulá-las. ... Esta autoridade jurídica pode incluir o poder de perdoar o pecado. Porque o pecado é uma brecha produzida nas leis do reino sobrenatural." (14)

"Dai que ele [o papa] se arrogue um poder celestial, e daí que possa modificar até a natureza das coisas, aplicando a substância de uma a outra: pode fazer alguma coisa do nada, um juízo nulo pode torná-lo real, porque nas coisas que ele quer, sua vontade é aceita como razão. Tampouco pode alguém dizer-lhe: 'Por que fazes isso?' Porque ele pode isentar-se da obediência à lei, pode converter a injustiça em justiça, corrigindo e modificando a lei, e tem a plenitude do poder." — Gregório, "Decretum". (15)

Note-se o que diz a irmã White:

"Uma das principais doutrinas do romanismo é que o papa é a cabeça visível da igreja universal de Cristo, investido de autoridade suprema sobre os bispos e pastores em todas as partes do mundo. Mais do que isto, tem-se dado ao papa os próprios títulos da Divindade. Tem sido intitulado: 'Senhor Deus, o Papa,' e declarado infalível. Exige ele a homenagem de todos os homens. A mesma pretensão em que insistia Satanás no deserto da tentação, ele ainda a encarece mediante a igreja de Roma, e enorme número de pessoas estão prontas para render-lhe homenagem." (16)

"E, convém lembrar, Roma jacta-se de que nunca muda. Os princípios de Gregório VII e Inocêncio III ainda são os princípios da Igreja Católica, Romana. E tivesse ela tão somente o poder, pô-los-ia em prática com tanto vigor agora como nos séculos passados. Pouco sabem os protestantes do que estão fazendo ao se proporem aceitar o auxílio de Roma na obra da exaltação do domingo. Enquanto se aplicam à realização de seu propósito, Roma pretende restabelecer o seu poder, para recuperar a supremacia perdida. Estabeleça-se nos Estados Unidos o princípio de que a igreja possa empregar ou dirigir o poder do Estado; de que as observâncias religiosas possam ser impostas pelas leis seculares; em suma, que a autoridade da igreja e do Estado devem dominar a consciência, e Roma terá assegurado o seu triunfo naquele país." (17)

## Destruirá os Santos do Altíssimo

A profecia anuncia o advento de uma potência que "destruirá os santos do Altíssimo". (Dan. 7: 25; ver Apoc. 13:7.) Também neste caso o papado quase eleva um verdadeiro clamor para que seja reconhecido como o poder assinalado pela profecia.

A filosofia que justifica as perseguições religiosas tem base na premissa de que é correto conseguir que as diferentes crenças religiosas se harmonizem com o grupo que, quer seja maioria quer minoria, possua a suficiente autoridade e disponha do suficiente poder para induzir os demais a com ele se harmonizarem. O papado está disposto a forçar os dissidentes a se harmonizarem com ele. Se não quiserem fazê-lo, vêm-se forçados também a sofrer as conseqüências.

Em uma sociedade em que a autoridade religiosa e a civil formam parte de uma mesma administração, não há lugar para a liberdade religiosa. Os poucos dissidentes tolerados serão tão insignificantes em número, que o grupo detentor do poder, dotado de faculdades supressivas, poderá ignorá-los.

Na maior parte da história humana, não tem havido separação entre a vida política e a religiosa. Em vez disso, a situação histórica normal tem sido a de que o Estado dominou a religião. Mesmo esta expressão é uma frase moderna aplicada ao passado. Não tem havido praticamente separação entre os conceitos de religião e de Estado. Por exemplo, na economia hebréia, a religião dominava amplamente a vida política, até onde estes dois aspectos da vida do homem podem ser considerados separadamente. Outro exemplo é encontrado entre os galos, para quem a autoridade dos sacerdotes drúidas eclipsava a autoridade civil dos chefes celtas.

Em Roma pagã, a religião estava sob o domínio do Estado; e o chefe do Estado, primeiramente o rei e mais tarde o imperador, levava como sumo sacerdote o título de *Pontifex Maximus*. A religião do Estado ou da província, que Roma absorvia, era permitida sob condição de que não engendrasses rebelião contra a autoridade de Roma. Na Gália, os drúidas converteram-se em um perigo tal, que foram suprimidos. Na Judéia, os judeus e os romanos chegaram a um convênio incômodo, sob o qual a religião judaica foi tolerada, mas foi-lhe proibida toda interferência no campo civil.

O cristianismo começou como um culto judeu; pelo menos o seu vocabulário, sua estrutura e seu pessoal eram judeus. Recusaram os judeus, porém, aceitar o cristianismo como culto hebreu. Ficou ele, então, sem patrocinadores nacionais ou políticos, e o governo pagão de Roma o considerou uma religião sem antecedentes, que por sua

10. F. Lucius Ferraris, "Papa II", *Prompta Bibliotheca*, Vol. VI, págs. 25-29.

11. *Decretales Gregorii IX*, livro 1, título 7, cap. 3, "de translatione episcoporum".

12. *Idem*, livro 1, título 33, cap. 6.

13. Bula de deposição da rainha Isabel da Inglaterra, em 1570.

14. G. H. Joyce, "Papa", *The Catholic Encyclopedia*, Vol. III, pág. 265.

15. *Decretales Gregorii IX*, livro 1, título 7, cap. 3.

16. *O Conflito dos Séculos*, págs. 50 e 51.

17. *Idem*, págs. 580 e 581.

própria natureza era uma *religio illicita*. Por isso Roma pagã perseguiu o cristianismo. (18)

Estas perseguições do culto cristão, da parte de Roma pagã, cessaram com o Edito de Milão, promulgado em nome dos imperadores Constantino e Licínio, no ano 313 A. D. Em sua redação, este documento grandiloquente concedia liberdade religiosa a todos, mas suas palavras nunca se converteram em realidade, —exceto para dar ao cristianismo a liberdade de adorar e de propagar suas doutrinas, uma liberdade que nunca dantes tivera.

Mas as liberdades que o edito garantia não se aplicaram plenamente, e quando o cristianismo se converteu na religião da sociedade e do Estado, o que ocorreu muito pouco depois do ano 313, os cultos pagãos começaram a ser perseguidos. Com efeito, as seitas dissidentes dos cristãos foram perseguidas por turnos, segundo qual delas estivesse em boas relações com o Estado. Os trinitários ortodoxos, quando tiveram em mãos o poder político, perseguiram os arianos; e estes, quando seus aderentes eram favorecidos pelo governo, perseguiram os ortodoxos.

Isto estava em conformidade com a lei romana, a qual, depois que veio a tolerância, concedeu aos bispos cristãos o direito de examinar, acusar e sentenciar os hereges (19). Cêrca do ano 400 A. D., a lei romana tornara-se tão virulenta contra o paganismo, que os templos dos deuses foram fechados amiúde (20), e algumas vêzes, depois de um processo de purificação, eram usados pelos cristãos.

A autoridade civil dos bispos contra os hereges foi revogada mais tarde, embora os bispos tivessem assento regularmente nos concílios provinciais do Estado. Mas os bispos exerciam muito ampla autoridade eclesiástica. Nêles residia a função docente da igreja, que, segundo se pretendia, foi descrita por Cristo em S. Mat. 28:19 e 20, e legada aos bispos pela tradição dos apóstolos. Sustinha-se que a igreja tinha a verdade, que devia ensinar a verdade, que devia introduzir a verdade na sociedade, e que o Estado devia ajudá-la a fazê-lo. Cada bispo era o juiz presidente da côrte eclesiástica de sua própria diocese, o que, com efeito, era um apêndice histórico de textos tais como os encontrados em S. Mat. 18:15-18 e em I Cor. 6:1-5. Através da Idade Média, os bispos dessas côrtes episcopais deram audiência em casos de heresia, pronunciaram sentenças de culpabilidade, e recomendaram aos magistrados locais o castigo que devia ser aplicado.

Um exemplo de tais côrtes episcopais nos chega do século XII. Um bispo cavalgava no norte de França com sua escolta, quando um jovem adjunto à côrte episcopal viu uma moça junto à estrada. Deteve-se para falar com ela e fez-lhe uma proposta desonesta, que ela repeliu com enérgica repulsa. Imediatamente se deu conta de que ela não era uma rapariga comum, e deu disso ciência ao bispo. Ao serem levadas perante o bispo, a moça e sua tia, descobriu-se pertencerem à seita dos publicanos ou cátaros (puritanos) e foram condenadas por heresia. Diz-se que a tia escapou, valendo-se de artes mágicas; mas a moça foi condenada à morte. (21)

Nessa época da história, os bispos muito amiúde eram demasiado condescendentes com as heresias que encontravam em sua diocese, ou demasiado indiferentes para incomodarem-se. A igreja,

porém, foi de opinião que chegara *justamente o tempo* de incomodar-se; não era um momento em que os bispos pudessem refestelar-se na comodidade. A heresia brotava por tôda parte. Os valdenses, os albigenses, os pobres de Lião, os cátaros, os bogomilos e os begardos apareciam por tôdas as partes. Inocêncio III promulgou decreto sôbre decreto contra os hereges, e autorizou a sangrenta cruzada de 1.209 contra os albigenses. (22) Foi necessária, porém, uma autoridade centralizada que atuasse contra os hereges que se difundiam além das dioceses locais. Em 1.221, o papado empreendeu a destruição dos hereges e organizou com este fim o Santo Ofício da Inquisição. (23)

Dizer que a história da Inquisição não é boa, é amesquinhar a realidade. A perseguição, sempre considerada uma necessidade pela igreja, converteu-se numa virtude. A igreja católica, romana, justificou a perseguição:

“No tocante aos hereges, devem ser considerados dois fatores: um da parte dêles e outro da parte da igreja. Da parte dêles, está o pecado pelo qual mereceram, não sômente ser separados da igreja pela excomunhão, mas ser desarraigados do mundo pela morte. Porque é uma ofensa muito mais grave corromper a fé, por meio da qual se sustém a vida da alma, do que falsificar a moeda, a qual é um auxílio para a vida temporal. Portanto, se os falsificadores ou outros malfatores são entregues ao príncipe secular para que lhes inflija justa morte, muitíssimo mais os hereges, imediatamente depois de serem condenados por heresia, não só devem ser excomungados, mas também entregues a uma justa morte. A igreja, porém, corresponde exercer misericórdia em favor da conversão dos que erram; e por isso não condena imediatamente, mas depois da primeira e segunda admoestações, de acôrdo com o ensino do apóstolo. Depois disso, não obstante, se o homem continua pertinaz, a igreja, não tendo já mais esperança na sua conversão, a fim de prover a segurança dos demais, o separa da igreja pela sentença de excomunhão; e mais tarde o entrega ao tribunal secular para que seja desarraigado do mundo.” (24)

“Os príncipes temporais devem ser lembrados e exortados, e, se necessário, por censuras espirituais, obrigados a abandonar cada uma de suas funções; e, se desejam ser reconhecidos e mantidos,

18. Plínio, *Cartas* livro 10, cartas 96 e 97 (LCL ed., Vol. II, págs. 400-407). Eusébio, *História Eclesiástica*, livro 3, caps. 17, 19, 32 e 33; livro 4, caps. 15-17; livro 5, caps. 1-8 e 21; livro 6, caps. 1, 4, 8, 9, 28, 39 e 43; livro 7, caps. 1, 10, 23 e 32; livros 8 e 9; livros 8 a 10, em NPNF, 2ª série; Canfield, *Early Persecutions of the Christians*; Maude A. Hautmann, *Establishment of Christianity and the Proscription of Paganism, O Conflito dos Séculos*, págs. 39 e 40.

19. *Supra*, págs. 658-660.

20. Teodoro, *História Eclesiástica*, livro 5, cap. 20, em NPNF, 2ª série, Vol. III, pág. 146; *Codex Theodosianus*, livro 5, título 43, ed. Mommsen, Vol. I, parte segunda, pág. 869.

21. G. G. Coulton, *Life in the Middle Ages*, Vol. I, No. 12, págs. 29-32.

22. *Supra*, pág. 676.

23. A. S. Tuberville, “*Heresies and the Inquisition on the Middle Ages*, c. 1000-1305,” *The Cambridge Medieval History*, Vol. VI, págs. 699-726.

24. Joseph Rickaby S. J., *Aquinas Ethicus*, ou Os Ensinos Morais de S. Tomás de Aquino, (Londres, Burns e Oates, 1892), Vol. I, págs. 332 e 333.

verem-se fiéis, portanto, na defesa da fé, devem fazer publicamente o juramento de que tratarão de boa fé e com toda a sua autoridade, de extirpar de seu território todos os hereges apontados pela igreja; de modo que quando qualquer pessoa estiver a ponto de assumir qualquer autoridade, quer seja espiritual quer temporal, se veja obrigada a confirmar seu título mediante este juramento. E se um príncipe temporal, sendo convocado e admoestado pela igreja, descuida a purificação de seu reino de qualquer heresia, que o metropolitano ou outro bispo provincial o atem com os laços da excomunhão; e se ele se recusa obstinadamente a dar satisfação, seja este assunto notificado no término de um ano ao sumo pontífice, para que ele declare estarem os seus súditos absolutos de sua fidelidade, e permita que seus territórios sejam ocupados por católicos que, depois de exterminar os hereges, possam possuí-los sem oposição alguma, e preservá-los na pureza da fé." (25)

"Na bula '*Ad extirpanda*' (1.252) Inocêncio IV disse: 'Quando aqueles condenados como culpados de heresia tenham sido entregues ao poder civil pelo bispo ou por seu representante, ou pelo tribunal da Inquisição, o *podestá*, ou magistrado chefe da cidade, os tomará imediatamente, e executará, no prazo máximo de cinco dias, as leis feitas contra eles, '... Não podia restar dúvida no tocante ao que significavam os regulamentos civis, porque os passos que ordenavam que os hereges impenitentes fôssem condenados à fogueira, estavam inseridos nas decretais imperiais '*Commissis Nobis*' e '*Inconstitibilem Tunicam*'. A já mencionada bula '*Ad extirpanda*' chegou a ser, daí em diante, um documento fundamental da inquisição, renovada ou reforçada por vários papas, como sejam: Alexandre IV (1254-1261), Clemente IV (1265-1268), Nicolau IV (1288-1292), Bonifácio VIII (1294-1303) e outros. As autoridades civis, portanto, se sentiam obrigadas perante os papas, sob pena de excomunhão, a executar as sentenças legais que condenavam à fogueira os hereges impenitentes.'" (26)

"Com efeito, a princípio a igreja agiu com mais suavidade no tocante aos hereges, excomungando-os, confiscando-lhes as propriedades... até que se viu obrigada a infligir-lhes a pena capital; 'a experiência demonstra (diz Belarmino em '*De Laicis*' I, 3, c 21) que não há outro remédio: porque a igreja gradualmente avançou, e provou todos os meios, primeiro a excomunhão somente, depois foi acrescentada uma multa pecuniária, em seguida o desterro, FINALMENTE SE VIU OBRIGADA A RECORRER A MORTE [as palavras em maiúsculas foram postas pelo autor]. Os hereges desprezam a excomunhão e dizem que o raio não tem poder; se ameaçados com uma multa pecuniária, não temem a Deus nem respeitam os homens, pois sabem que encontrarão suficientes loucos que creiam o que sustêm. Se encarcerados ou desterrados, corrompem os que estão próximos mediante sua palavra, e os que estão distante, por meio de seus livros. De modo que O ÚNICO REMÉDIO CONSISTE EM ENVIÁ-LOS LOGO AO SEU PRÓPRIO LUGAR [maiúsculas postas pelo autor]. A sociedade da igreja e sua ordem pública, contra a perturbação das quais há muitas normas eclesiásticas, devem ser necessariamente preservadas, para que as almas sejam santifi-

cadas pela verdadeira fé e as boas obras, a fim de que possam ganhar a salvação eterna.'" (27)

"Aquêle que publicamente aprova uma heresia e trata de perverter os demais por palavra ou exemplo, pode não somente ser excomungado, mas justamente condenado à morte; para que, por seu contágio pestilento, não contamine outros; porque um homem mau é pior que um mau animal e faz mais dano, como diz Aristóteles. Portanto, se não é mau matar um animal mau que produz grande dano, deve ser correto privar de sua vida prejudicial o herege que se apartou da verdade divina e conspira contra a salvação dos demais.'" (28)

Portanto, concluímos que a igreja não pode de si mesma condenar à morte a ninguém, e que, no entanto, tem o direito de sentenciar os hereges obstinados ou reincidentes, não somente ao castigo corporal, mas à condenação do castigo máximo, se assim o julgar necessário; daí que os inimigos da fé se apartem igualmente da verdade ao acusar falsamente a igreja de haver condenado por sua própria conta alguns hereges à fogueira, e muitos apologistas católicos, creiam que todas as sentenças de morte devam ser atribuídas ao poder secular, ou tímidamente concordem com que a igreja, submetendo-se ao espírito da época, se tenham desviado um tanto neste assunto. A história testifica com toda a segurança que a inquisição romana, se não com as palavras textuais, pelo menos com termos equivalentes, sentenciou os hereges à pena máxima, para ser infligida sem exceção pelo braço secular, com numerosas censuras se deixava de cumprir seu dever; quem, portanto, se atreveria a dizer que a igreja errou em assunto tão sério?" (29)

A cruzada militar contra os albigenses de Provença, França, foi somente mais sangrenta no sentido de que foi mais concentrada, no tempo e no espaço, do que a cruzada inquisitorial lançada contra os hereges e prosseguida em todas as partes nos anos subsequentes. Os denunciadores recebiam parte das propriedades confiscadas aos acusados de heresia e contra os quais haviam testemunhado, e as confissões eram obtidas, não como a livre declaração de homens valorosos dispostos a dar testemunho em favor de seu Senhor, mas em resultado da agonia das torturas, tão brutais, que não são encontradas piores nos registros das nações mais apartadas dos ensinos de Cristo, e a mente humana se revolta ante o mero relato delas.

Não nos atrevemos a calcular o número dos que sofreram depredação, prisão, ferimentos e morte cruel ou tortura no cadafalso. Certamente não faz bem algum, e ao contrário muito dano, entregar-se ao exagêro. Com consciência limpa, porém, podemos dizer que através dos séculos, homens, mulheres e crianças, aos milhares, sofreram perseguição. Se incluímos os que morreram nas guerras de religião que se produziram entre as nações, o número aumenta notavelmente, mas só

25. *Decretales Gregorii IX*, livro 5, título 7, cap. 13.

26. Joseph Bloetzer, "Inquisição", *The Catholic Encyclopedia*, Vol. VIII, pág. 34.

27. P. Marianus de Luca, *Institutiones Juris Ecclesiastici Publici*, Vol. I, pág. 143.

28. Fr. Alexis M. Lepicier, *De Stabilitate et Progressu Dogmatis*, pág. 194.

29. *Idem*, pág. 203.

certos desses casos podem ser considerados perseguições.

Não estranha que o "cavalo amarelo" (Apoc. 6:7 e 8) seja tão horrível e que, alegoricamente, as almas que estão "debaixo do altar" apareçam, pela inspiração, clamando: "Até quando, Senhor, santo e verdadeiro?" (Ver 9-11.)

Não devemos pensar que a luta contra os santos predita na profecia bíblica, cessou com a Reforma protestante. Os anglicanos perseguiram os lolardos, os luteranos, os católicos, romanos, os puritanos, os independentes e os separatistas. Com base na diferença de religião, os luteranos tornaram desditosa a vida dos católicos, romanos, dos anabatistas e dos reformadores que adotavam a teologia de Calvino. Os zwinglianos perseguiram os anabatistas. Os calvinistas deram caça aos anabatistas e aos socianos e dissidentes que seguiam a Servet, que foi queimado publicamente em Genebra, por heresia. As filhas de Babilônia (Apoc. 17:5) (30) têm como base de seu ânimo perseguidor os mesmos princípios de sua mãe prostituta. Fracassaram em suas perseguições, não intencionalmente, mas por falta de oportunidade, de unidade de ação, de perícia ou experiência, e da plena colaboração do poder civil.

### Um Tempo, e Tempos e Metade de Um Tempo

Os dias foram abreviados. (S. Mat. 24:22; S. Mar. 13:19, 20 e 24.) Os 1.260 dias durante os quais os santos deviam estar debaixo da mão da mãe prostituta e de suas filhas, não se cumpriram plenamente devido ao profundo ressentimento que surgiu contra a perseguição, da parte dos pensadores liberais dos últimos anos do século XVIII, especialmente, aos sarcasmos do altamente influente Voltaire que, radicado na corte de Frederico, o Grande da Prússia, pediu, com frases causticantes e irônicas que cessasse o derramamento de sangue fundamentado na diversidade de religião. (31) A perseguição chegou a ser aborrecível para os pensadores que haviam visto mais da dura intolerância das organizações religiosas, que da doce caridade do verdadeiro cristianismo.

O começo e o fim do período de 1.260 dias, ou sejam, os "tempo, e tempos, e metade de um tempo," de Apoc. 12:14, foram examinados anteriormente, e fixados nos anos 538 e 1798 A. D. (32) Deve exercer-se discernimento para descrever o que ocorreu no catolicismo e no protestantismo balbuciante durante este período.

A expressão "Idade Escura" tem para o historiador moderno uma significação muito diversa da que lhe atribuem os adventistas. Sabendo-o, devemos empregar esta expressão com prudência. Para os historiadores, o termo aplica-se ao período que se seguiu ao colapso de Roma imperial no Ocidente, no ano 476 A. D., que não foi assinalado por uma decadência, mas por um desaparecimento total da cultura clássica nessa zona, que durou até ao restabelecimento de uma linha imperial ocidental sob Henrique, o Passarinheiro, em 918 da mesma era. (33) Depois desta restauração veio um reavivamento da cultura e do saber, que culminou com a Renascença dos séculos XIV e XV, coisas que o historiador se vê obrigado a reconhecer. A história não denomina "Idade Escura" aos séculos que se seguiram ao ano 900.

Para os adventistas, a expressão descreve um pe-

ríodo de escuridão *espiritual*. O advento da igreja romana ao poder, marcou o princípio da idade média [idade escura, em inglês]. (34) Ainda prevalecia o obscurantismo no século XIV porque "Wycliffe surgiu dentre as trevas dos tempos de ignorância e superstição". (35) O termo tem um significado para os historiadores, e outro muito diverso para os adventistas.

Deve ser lembrado que o período de 1.260 dias, que se estende um pouco além de 150 anos, a partir de nossos próprios dias, inclui assombrosos reavivamentos culturais entre os homens da Idade Média, e foram celtas, germanos, francos e italianos; a Renascença já mencionada, a Reforma, a era dos pietistas e o reavivamento metodista; e a era das luzes.

Deveria ser lembrado, também, que o período de 1.260 dias não é um lapso de realizações papais invariáveis. Não nos referimos somente às graves perdas sofridas pelo papado e pela igreja romana por motivo da Reforma, perdas ocorridas 250 anos antes de terminar o período profético citado. Referimo-nos ao fato de que, ao princípio do período, por exemplo, o papa era uma figura débil, que por anos foi hóspede, senão prisioneiro do imperador Justiniano na cidade de Constantinopla. (36) Referimo-nos também ao período que se estendeu a partir do ano 900 A. D., o colapso dos últimos restos da dinastia carolíngia, à ascensão do imperador Henrique III, em 1039, um período em que nenhum católico, sejam quais forem os seus conceitos de ética, pode examinar sem corar de vergonha. Referimo-nos aos papas completamente amorais e agnósticos, quando não ateus, do século XV. Referimo-nos aos setenta anos do cativo babilônio dos papas, no século XIV, quando tiveram sua sede em Avinhão, como vassallos dos reis franceses. Referimo-nos ao cisma papal que se seguiu, quando dois, e até três papas, reclamaram simultaneamente o título. Referimo-nos aos papas descuidados que precederam a Reforma ou lhe foram contemporâneos.

Que interpretação pode ser dada ao período dos 1.260 dias? O papado não começou em 538. Já estava começado quando Paulo escreveu: "Já o mistério da injustiça opera." (II Tess. 2:7). Fêz sua primeira aparição no cenário do poder quando estabeleceu a observância do domingo em meados do século II. Mas em 538 foi posta em operação a maquinaria política necessária para reconhecer a *hegemonia eclesiástica* do papa, e para desarraigar os reis germanos arianos que estavam opondo obstáculos ao *poder político* dos papas. A combinação dos poderes eclesiástico e político dos papas, que constitui a natureza da "ponta pequena", é vista na pessoa de Gregório o Grande, (590-604) cuja carreira ilumina os derradeiros anos do século VI, assinalados pelo ano 538. (37)

A profecia dos 1.260 dias que se seguiu, não requer a invariável e constante supremacia papal.

30. Ver *O Conflito dos Séculos*, págs. 382 e 383.  
31. Philip Schaff, *The Progress of Religious Freedom*, págs. 19, 43-49.  
32. Ver *O Conflito dos Séculos*, págs. 438 e 439.  
33. Oman, *Dark Ages*, págs. 476-918.  
34. Ver *O Conflito dos Séculos*, pág. 50.  
35. *Idem*, pág. 93.  
36. Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. III, pág. 327.  
37. Ver *O Conflito dos Séculos*, pág. 54.

Nem sequer o diabo pôde dar ao seu principal agente na Terra êste êxito tão completo. Mas durante êste período o papado não somente não teve nenhum rival religioso; tampouco teve igual na cristandade.

Detinha êle um assombroso poder político enquanto dominava a vida religiosa, e perseguiu quase sem impedimentos todos os dissidentes religiosos, e teve poucos fracassos em suas maquinações políticas. A cabeça papal era ao mesmo tempo papa e rei, e pôde cumprir muitas vezes sua pretensão de ser superior aos príncipes terrestres.

### Cuidará em Mudar os Tempos e a Lei

O papado cuidaria em "mudar os tempos e a lei." (Dan. 7:25.) Que o papado estabeleceu o domingo é fato indiscutível. Que tenha influído sobre Constantino para promulgar a primeira lei dominical, 175 anos mais tarde, é assunto de informação que tem base na autoridade inspirada. (38) Sua aversão ao sábado (39) e sua preocupação pelo domingo (40) foram já mencionados. Daí que o sábado seja extirpado dos catecismos católicos, romanos, em que o direito da igreja para estabelecer dias de culto é ilustrado com o domingo.

O segundo mandamento está omissio nos catecismos católicos, romanos. Se não o fôsse, as imagens teriam que desaparecer das igrejas. Mas isto não o permitiria a igreja. Os iconoclastas do oriente, no século VIII, insuflados tanto pelos judeus como pelos maometanos, trataram de limpar de imagens as igrejas cristãs, mas fracassaram. Os concílios celebrados sob a presidência de Carlos Magno, na Alemanha, aprovaram os propósitos dos iconoclastas. (41) Mas ao tratar o papado do problema, mudaram os sentimentos. As imagens tridimensionais foram conservadas no ocidente e, as bidimensionais, restauradas no oriente. Citamos:

"O característico especial da bêsta, e, portanto, de sua imagem, é a violação dos mandamentos de Deus. Diz Daniel, a respeito da ponta pequena, o papado: 'Cuidará em mudar os tempos e a lei.' [Dan. 7:25.] e São Paulo intitulou o mesmo poder: 'O homem do pecado'", que deveria exaltar-se acima de Deus. Uma profecia é o complemento da outra. Unicamente mudando a lei de Deus poderia o papado exaltar-se acima de Deus. Quem quer que conscientemente guarde a lei assim modificada, estará a prestar suprema honra ao poder pelo qual foi efetuada a mudança. Tal ato de obediência às leis papais seria um sinal de vassalagem ao papa em lugar de Deus.

"O papado tentou mudar a lei de Deus. O segundo mandamento, que proíbe o culto às imagens, foi omitido da lei, e o quarto foi mudado de molde a autorizar a observância do primeiro dia, em vez do sétimo, como sábado. Mas os romanistas aduzem como razão para omitir o segundo mandamento, ser êle desnecessário, achando-se incluído no primeiro, e que estão a dar a lei exatamente como era desígnio de Deus fôsse ela compreendida. Esta não pode ser a mudança predita pelo profeta. É apresentada uma mudança intencional, com deliberação: 'Cuidará em mudar os tempos e a lei.' A mudança no quarto mandamento cumpre exatamente a profecia. Para isto à única autoridade alegada é a da igreja.

Aqui o poder papal se coloca abertamente acima de Deus." (42)

A correspondência existente entre as marcas identificadoras da "ponta pequena" de Daniel 7 e do leopardo de Apocalipse 13, são tão notáveis, e tão claramente compreensíveis, que passaremos a elas com esta única menção.

### A Imagem da Bêsta

Mas, que é a imagem da bêsta? Entendemos que a bêsta de duas pontas de Apocalipse 13 representa os Estados Unidos, com sua liberdade civil e religiosa manifestada por meio de sua separação da Igreja e Estado. Mas, aparentemente, a imagem se está formando apenas agora, ou se formará no futuro. Em 75 anos o protestantismo desuniu-se na discussão de assuntos relativos à alta crítica e ao modernismo e, especialmente nos Estados Unidos, formou-se, em resultado disso, um grupo de crentes conscientes de si mesmos e conservadores, denominados fundamentalistas. Se entre êles, ou entre os não menos conscientes e liberais, se hão de descobrir atividades que conduzam à formação da imagem da bêsta, não nos atrevemos a profetizar. Certamente, os fundamentalistas são mais ferventes em suas convicções, em seu apêgo à Bíblia e, paradoxalmente, em seu apoio da promulgação das leis dominicais, que a ala liberal.

Mas entre os liberais, a unificação das igrejas é o propósito básico. Até agora esta unificação tem evitado as complicações doutrinárias. Formaram-se numa espécie de organização. Surgiu uma meia dezena de uniões de igrejas, com êxito relativo.

1. A unificação das entidades denominacionais fraccionadas, como os metodistas.

2. A união dos congregacionalistas locais em uma cidade, para formarem uma igreja da localidade.

3. A união de duas ou mais igrejas independentes em uma única comunidade religiosa, como é o caso da Igreja Unida do Canadá e as igrejas congregacionalistas e cristãs dos Estados Unidos.

4. A formação dos concílios de igrejas locais e estaduais nos Estados Unidos.

5. A formação do Concílio Nacional de Igrejas nos Estados Unidos, denominada anteriormente Concílio Federal de Igrejas, com ramificações em outros países.

6. A formação do Concílio Mundial de Igrejas, sobretudo de estrutura orgânica, que começa, porém, a manifestar preocupação notável pelos assuntos doutrinários.

Constituem estas uniões o começo da luta final? Devemos esperar e vigiar alerta. Eis as declarações da irmã White, no tocante ao protestantismo e seus procedimentos:

"Quando as principais igrejas dos Estados Unidos, ligando-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influenciem o Estado para que imponha seus decretos e lhes apoie as instituições,

38. *Idem*, pág. 53.

39. *Idem*, pág. 65.

40. *Supra*, págs. 644-651.

41. Comparar com Hefele, *Conciliengeschichte*, livro 3, pág. 639, e Archibald Bower, *History of the Popes*, Vol. II, págs. 166-171, art. Adriano.

42. Ver *O Conflito dos Séculos*, pág. 445.

a América protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana, e a inflação de penas civis aos dissidentes será o resultado inevitável.” (43)

“Mediante os dois grandes erros — a imortalidade da alma e a santidade do domingo — Satanás há de enredar o povo em suas malhas. Enquanto o primeiro lança o fundamento do espiritismo, o último cria um laço de simpatia com Roma. Os protestantes dos Estados Unidos serão os primeiros a estender as mãos através da voragem para apanhar a mão do espiritismo; e estender-se-ão por sobre o abismo para dar mãos ao poder romano; e, sob a influência desta tríplice união, este país seguirá as pegadas de Roma, conculcando os direitos da consciência.” (44)

“No movimento ora em ação nos Estados Unidos a fim de conseguir para as instituições e usos da igreja o apoio do Estado, os protestantes estão a seguir as pegadas dos romanistas. Na verdade, mais que isto, estão abrindo a porta para o papado a fim de readquirir na América protestante a supremacia que perdeu no Velho Mundo. E o que dá maior significação a este movimento é o fato de que o principal objeto visado é a obrigatoriedade da observância do domingo, prática que se originou com Roma, e que ela alega como sinal de sua autoridade. É o espírito do papado — espírito de conformidade com os costumes mundanos, com a veneração das tradições humanas acima dos mandamentos de Deus — que está embecendo as igrejas protestantes e levando-as a fazer a mesma obra de exaltação do domingo, a qual antes delas fez o papado.” (45)

### O Papado e o Futuro

E que sucederá com o papado no futuro? De novo surge aqui um resplendor de advertência, e não uma luz iluminadora da profecia não cumprida.

João nos diz que “tôda a Terra se maravilhou após a bêsta”, aparentemente depois da cura da “chaga mortal”. (Apoc. 13:3 e 12.)

Daniel diz, depois de profetizar que “serão entregues na sua mão por um tempo, e tempos, e metade de um tempo,” que “o juízo estabelecer-se-á, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer até ao fim.” (Dan. 7:25 e 26.)

Mais adiante, diz João, concernente à prostituta e à bêsta sobre a qual está sentada, que “os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão poder como reis por uma hora, juntamente com a bêsta... E os dez chifres que viste na bêsta são os que aborrecerão a prostituta, e a porão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo. Porque Deus tem pôsto em seus corações que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma idéia, e que dêem à bêsta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus.” (Apoc. 17:12-17.)

Temos aí uma profecia notável que parece assinalar uma confusão vindoura, no reino e entre os aliados da bêsta.

O próprio dragão — o anticristo por excelência — se manifestará. Satanás em pessoa virá à Terra, durante a queda das pragas, justamente antes da vinda de nosso Senhor:

“Como ato culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará Cristo. A igreja tem há muito tempo professado considerar o advento do Salvador como a realização de suas esperanças. Assim, o grande enganador fará parecer que Cristo veio. Em várias partes da Terra, Satanás se manifestará entre os homens como um ser majestoso, com brilho deslumbrante, assemelhando-se à descrição do Filho de Deus dada por São João no Apocalipse. [Apoc. 13:13-15.] A glória que o cerca não é excedida por coisa alguma que os olhos mortais já tenham contemplado. Ressoa nos ares a aclamação de triunfo: ‘Cristo veio! Cristo veio!’ O povo se prostra em adoração diante d’ele, enquanto este ergue as mãos e sobre eles pronuncia uma bênção, assim como Cristo abençoava Seus discípulos quando aqui na Terra esteve. Sua voz é meiga e branda, cheia de melodia. Em tom manso e compassivo apresenta algumas das mesmas verdades celestiais e cheias de graça que o Salvador proferia; cura as moléstias do povo, e então, em seu pretensioso caráter de Cristo, alega ter mudado o sábado para o domingo, ordenando a todos que santifiquem o dia que ele abençoou. Declara que aqueles que persistem em santificar o sétimo dia estão blasfemando de seu nome, pela recusa de ouvirem seus anjos a eles enviados com a luz e a verdade. É este o poderoso engano, quase invencível.” (46)

Neste engano não será colhido o povo de Deus. Através das perseguições do papado, ao chegar o tempo do colapso dêsse poder e a manifestação dêsse “poderoso engano, quase invencível” de Satanás permanecerão fiéis cheios de poder do Espírito Santo, fortificados pela santa Palavra de Deus, e cobertos, ainda mais, impregnados da justiça de seu bendito Salvador. Então, o verdadeiro Cristo aparecerá nas nuvens dos céus.

“Aqui findou a visão.” “E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o Céu, serão dados ao povo dos santos do Altíssimo: o Seu reino será um reino eterno, e todos os domínios O servirão e Lhe obedecerão.” (Dan. 7:28 e 27.)

### Sinal do Tempo

HÁ 32 anos, um jovem piloto chegou a San Diego, na Califórnia, procedente de Hempstead, em Long Island, no outro extremo dos Estados Unidos, e disse, emocionado:

— O impossível acaba de acontecer!

O “impossível” fôra o fato de que ele voara em 26 horas 2.450 milhas.

Agora, um avião F-84F Thunderstreak acaba de voar de Los Angeles a Nova York, uma distância de 2.445 milhas, em três horas e 46 minutos.

O piloto do F-84F, mais prudente do que o colega de 1923, limitou-se a dizer:

— Foi uma viagem rápida!

43. *Idem*, pág. 444. (Ver também as págs. 443 e 383.)

44. *Idem*, pág. 588.

45. *Idem*, pág. 573.

46. *Idem*, págs. 623 e 624.



# E VANGELISMO

## Evangelismo

JERÔNIMO G. GARCIA

(Diretor dos Departamentos de Rádio e Relações  
Públicas da Divisão Sul-americana.)

**DEUS** está esperando demonstrar o que pode fazer pelos evangelistas que se entregam a Ele para serem usados em Seu trabalho. D. L. Moody, o grande evangelista da América, estava nas vésperas de uma grande série de conferências na Inglaterra. Havia grande interesse pelo trabalho de Moody, pois o povo inglês é mais conservador que o povo da América.

Depois de planos e troca de idéias, o Sr. Varley, ministro inglês, olhou para Moody e disse: "Moody, Deus espera demonstrar ao mundo o que pode fazer por um homem que se consagre completamente a Ele." É dito que Moody se levantou de um salto e com grande sinceridade declarou: "Varley, pela graça de Deus, eu serei esse homem."

Deus usou Moody nas pregações evangélicas para Sua honra e glória. Os resultados não se fizeram esperar. Almas foram ganhas para Cristo.

Disse nosso Senhor que o Evangelho deve ser pregado em todo o mundo em testemunho a todas as gentes. (S. Mat. 24:14.) Nessa declaração se encontra a ordem para o desempenho de nossa tarefa. Não há profecia que apresente de maneira mais clara o que Deus espera de cada um de nós como evangelistas. Aqui está o desafio da hora, e de honra, a cada evangelista!

Desde que surgiu a última mensagem de Deus em 1844, não tem havido uma época em que os ventos destrutivos da guerra circundassem o mundo todo, como na segunda guerra mundial. Os ventos foram retidos, embora em várias partes do planeta ainda se esteja guerreando. Deus está escolhendo e preparando um povo que O sirva e O ame, dentre todas as nações do mundo.

Apesar do esforço de alguns homens bem-intencionados e das conferências de paz, os homens se digladiam como feras. O pequeno intervalo que parece gozarmos é interpretado de várias maneiras pelas diferentes pessoas, mas para o evangelista que está ao par das coisas, tem uma significação transcendental. O Céu está dando uma oportunidade final para levarmos a última mensagem ao povo. Quer dizer que devemos orar, planejar e trabalhar para evangelizar o mundo.

O Senhor espera uma consagração total de Seus evangelistas neste tempo. O espírito de Profecia diz: "Quando nos consagramos inteiramente, de todo coração, ao serviço de Cristo, Deus reconhecerá o fato pelo derramamento de Seu Espírito Santo sem medida." — E. G. White na *Review and*

*Herald*, 21 de julho de 1896. Quão significativas são estas palavras!

Temos os recursos a nossa disposição. Deus está em condições de derramar o Espírito Santo. Estamos nós em condições de recebê-Lo? Consagrar-nos-emos inteiramente, de todo o coração, ao serviço de Cristo? A época o exige, pois "Nunca, desde a criação do mundo, houve tanto interesse em jôgo como agora, dependendo da ação dos homens que creem e estão dando a última mensagem de advertência ao mundo." — *Life Sketches*, pág. 246.

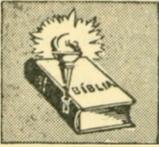
Muitos anos atrás um inquisidor foi mandado para destruir os valdenses da Itália. No relatório que apresentou ao voltar, disse que sua tarefa era impossível, pois logo que uma pessoa tornava valdense, começava a ganhar outra pessoa para Cristo. "Todos eles são pregadores e é impossível conquistá-los!"

Que experiência bendita! "Todos são pregadores e é impossível conquistá-los!" Deus tem tido "em todos os períodos da história terrestre, Seus homens da oportunidade, aos quais disse: 'Vós sois Minhas testemunhas.' Tem havido em todos os séculos, homens devotos que reuniram os raios de luz à medida que estes luziam em suas veredas, e que falaram ao povo as palavras de Deus. Não eram infalíveis; eram homens fracos, sujeitos a errar: mas Deus operou por seu intermédio ao entregarem-se eles para o Seu serviço." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 11.

Ganhar almas é o trabalho mais elevado e mais santo que Deus tem dado a qualquer de Suas criaturas. Deus considera Seus evangelistas "embaixadores de Cristo" (II Cor. 5:20) e coobreiros com o Salvador do mundo (II Cor. 6:1). "A conversão de almas a Deus é o trabalho maior e mais nobre em que seres humanos podem tomar parte." — *Testimonies*, Vol. VII, pág. 52. "O maior trabalho a que os homens podem aspirar é o trabalho de ganhar almas do pecado para a santidade." — *Ministry of Healing*, pág. 398. "A maior obra, o mais nobre esforço em que se possam homens empenhar, é encaminhar pecadores ao Cordeiro de Deus." — *Obreiros Evangélicos*.

Seremos nós os homens que se consagram inteiramente a Deus e ao Seu trabalho?

★ ★



# ESTUDOS BÍBLICOS

## Confissão e Perdão

(Para católicos)

ALMEDA GUSTAVSEN HAMREN

Mountain View, Califórnia

**[OS** instrutores bíblicos devem familiarizar-se com os ensinamentos e práticas da Igreja Católica no tocante à confissão e ao perdão. É preciso ser salientada a tristeza pelo pecado e não a penitência. Deve haver compreensão nítida da justificação pela fé, e não pelas obras. Cristo é o nosso único Mediador. A intercessão por Maria e dos santos não é ensinada no cânon sagrado. A indulgência também pertence às tradições de Roma. Devemos estabelecer com simplicidade mas com firmeza, cada ponto nos passos necessários no sentido da conversão. — L. C. K.]

### I. INTRODUÇÃO.

1. A norma divina para o homem é a perfeição em Cristo. (S. Mat. 5:48; S. João 2:6.)
2. Todos pecaram. (Isa. 64:6; Rom. 3:23.)

### II. JUSTIFICAÇÃO SÔMENTE EM CRISTO.

1. O pecador pode recorrer diretamente a Deus. (Isa. 1:18.)
2. O abismo é eliminado pelo sacrifício de Cristo. (S. João 12:32.)
3. Não há outro mediador além de Cristo. (I Tim. 2:5; Heb. 10:19-22.)

### III. ARREPENDIMENTO, NÃO PENITÊNCIA.

1. O amor de Deus e Sua Palavra levam ao arrependimento. (Rom. 2:4; Atos 2:38 e 41.)
2. O arrependimento é dom gratuito. (Atos 5:31.)
3. Necessário para a remoção do pecado. (Atos 3:19.)
4. Deve sempre ser sincero. (S. Luc. 18:13.)

### IV. A CONFISSÃO NO PLANO DE DEUS.

1. A confissão deve ser feita diretamente a Deus. (Sal. 32:5.)
2. Deve ser feita através de Cristo, não de Maria, dos santos, dos sacerdotes. (Heb. 4:15 e 16.)
3. As faltas são confessadas uns aos outros. (S. Tiago 5:16.)
4. O perdão advém sem obras. (I S. João 1:9; Heb. 13:15.)

### V. A JUSTIFICAÇÃO NECESSÁRIA PARA O PERDÃO.

1. O perdão prometido por Deus. (I S. João 1:9.)
2. Precisamos crer em Deus, para ser justificados. (S. Mar. 11:24.)
3. A justificação é dom de Deus. (II Cor. 5:21; Gál. 2:16; Rom. 4:6.)
4. Deus justifica por meio de Cristo. (I S. Ped. 1:18 e 19; Rom. 8:33.)
5. O Seu sacrifício expiatório oferecido *uma vez*. (Rom. 5:1; Heb. 9:28.)
6. A justificação dos pecados passados, não futuros. (Rom. 3:23-26.)

### VI. LIBERTAÇÃO DO PECADO E DA CONDENAÇÃO.

1. A verdadeira confissão resulta em transformação de vida. (Sal. 32:1 e 2; Sal. 51:1-14.)
2. As obras de Satanás destruídas por Cristo. (I S. João 3:8, 5 e 6.)
3. Nova criatura em Cristo. (II Cor. 5:17; Rom. 8:1 e 2.)

### VII. O PECADO APÓS A CONDENAÇÃO.

1. Deus provê o único Advogado. (I S. João 2:1.)
2. A restauração efetuada pelo conhecimento e o perdão. (Sal. 51:3, 11 e 12.)
3. Não há lugar para penitência; um dom gratuito. (Sal. 51:16 e 17.)
4. Buscar a ajuda de Deus para deixar de pecar. (Sal. 19:12-14.)

### VIII. SUMÁRIO.

1. A convicção vem por meio do Espírito de Deus.
2. O arrependimento é tristeza pelo pecado, sem penitência.
3. Intercessão por Cristo, não por Maria nem por santos.
4. Confissão a Deus, não ao padre.
5. Perdão pronunciado por Cristo, não pelo padre.
6. Justificação por Deus; não há lugar para indulgências.
7. Confissão contínua e diária de pecado.

### IX. APELO: Heb. 10:22 e 23.



# NOTAS E NOTÍCIAS

## Chacina de Malacacheta

**A** PROPÓSITO da chacina de Malacacheta, que tanta confusão ocasionou nos espíritos mal-informados, e que trouxe sôbre a Causa Adventista descrédito indireto, fêz o Departamento de Deveres Cívicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil publicar, nos principais diários da capital paulistana, a seguinte comunicação:

"Em face dos acontecimentos desumanos e anti-cristãos que tiveram lugar em Malacacheta, no que diz respeito ao fanatismo e à reprovável chacina de crianças, atribuídos a adeptos da seita "ADVENTISTAS DA PROMESSA", e que tiveram repercussão em todo o país, a IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA NO BRASIL, reafirmando as declarações feitas à imprensa em setembro de 1954, sente-se no dever de vir novamente a público para esclarecer que:

"1—Nada tem que ver com grupos de sectários surgidos no Brasil, usando nomes semelhantes, quase iguais ou aumentados, como sejam: a) ADVENTISTAS DA PROMESSA—b) ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA—Movimento de Reforma—c) ADVENTISTAS DA COMPLETA REFORMA.

"2—Como igreja fundada nas Sagradas Escrituras, e em obediência aos ensinamentos delas é, por isto mesmo, UNIVERSAL, exercendo a sua atividade em 413 países e ilhas, ensinando e pregando em 721 línguas e dialetos e mantendo milhares de igrejas, instituições, educativas e de assistência social.

"3—Segundo as Sagradas Escrituras crê e mantém as normas de moral cristã, inclusive a que se refere à formação e proteção da família, incentivando o amor e respeito que devem existir entre pais e filhos, condenando, por isto mesmo, qualquer prática ou ritual desumano, conforme a advertência divina na Santa Bíblia, em Deuteronomio, capítulo 18, versos 12-12: 'Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor...'

"4—A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil é administrada pelas seguintes sedes regionais: União Norte-Brasileira, rua Alciprestes Manoel Teodoro, 383—Belém—Estado do Pará; União Este-Brasileira, rua do Matoso, 161 Rio de Janeiro—D.F. e União Sul-Brasileira, alameda Jurupis, 262—São Paulo—Estado de São Paulo.—ass.) Prof. D. Peixoto da Silva, Secretário-Geral."

... Funcionários do *Christian Youth Cinema Inc.* (Cia. de Cinema da Juventude Cristã) anunciou que essa organização adquiriu, em Filadélfia, o Teatro Chelter, num subúrbio de Germantown e o fará funcionar como o primeiro cinema religioso nacional. O reverendo Harry G. Bristow Jr., fundador e diretor do grupo de cinemas, disse que não será cobrada entrada nas noites de exibição de filmes religiosos. Acrescentou que um dos principais propósitos do projeto é combater a delinqüência juvenil. Essa organização de filmes cristãos também planeja estabelecer, nesse cinema, um curso e uma escola dominical audio-visuais.

... Os católicos-romanos não participaram da Segunda Assembléia do Concílio Mundial de Igrejas, celebrado em Evanston, Illinois, por estarem convencidos de que a unidade cristã já existe na Igreja Católica, e de que o único meio de os não-católicos conseguirem essa unidade é o seu regresso à Igreja Católica.

... Foi anunciado no Cairo que, planos para um impulso missionário maometano unido nas áreas agora dominadas pelos missionários cristãos, foram feitos em recente assembléia, em Meca, entre os primeiros ministros do Egito e do Paquistão, e o rei da Arábia saudita.

... Apesar do senso existente entre "as igrejas mais novas" do mundo, de que a Era Cristã das missões está próxima do fim, essa era já terminou declara um relatório de observação do Concílio Mundial das Igrejas. Em relatório sôbre "A Missão da Igreja para com os que Vivem Fora dela", a Comissão de Evangelismo do Concílio diz que o júbilo acêrca da disseminação do cristianismo a todo mundo é "muitas vezes ainda prematuro". "Vintenas de milhões, na Ásia, África e outras partes—nas terras maometanas, para citar exemplos notórios—nem sequer ainda ouviram o evangelho," reza o relatório. "A Igreja de Cristo está ainda hoje, na pátria e no estrangeiro, em fase de missão."

... A eclosão de um movimento que visa ao estabelecimento de uma ordem protestante de monjas na Suécia, abalou os líderes da Igreja Luterana do Estado Sueco e promoveu comentários públicos generalizados. Conquanto haja na Suécia sete conventos católicos-romanos, há mais de 300 anos não houve ali um único convento ou irmandade de protestantes enclausurados.



# A Pena da Crucifixão

E. MAGALHÃES NORONHA

AS penas da antiguidade revestiam-se de caráter acentuadamente cruel e, além disso, não se destinavam somente aos criminosos, mas aos escravos também, que, por mero capricho do senhor, eram executados.

A decapitação, o suplício da roda, o enforcamento, a crucifixão, a lapidação, os sacrifícios humanos, o afogamento, o fogo, o sepultamento em vida, o esquartejamento, a precipitação e outras, compunham o cortejo sinistro que acompanhava o homem naqueles tempos.

Hoje, finda a semana em que a cristandade se entrega à adoração do Senhor Morto, vem-nos à lembrança a pena que, em um simulacro de processo, Lhe foi infligida por Pilatos, diante da imposição dos príncipes do Sinédrio: a crucifixão.

Remontando à sua origem, parece-nos que foi aplicada pela primeira vez na Ásia Menor. A princípio não era usada a cruz, mas uma estaca, a que era amarrado o réu.

Roma conheceu-a também. Destinava-se aos escravos, considerados coisas, "res non persona." Conta-se que o Sextertium, onde se costumava sacrificar-lhes, assemelhava-se, às vezes, a um bosque, de tantas cruces levantadas. Era uma pena infamante, e os juristas justinianos tinham-na como "summum supplicium".

De fato, tratava-se do suplício, porque era das execuções que se destinavam a prolongar a agonia do condenado, advindo a morte geralmente pela sede, a fome ou o ataque dos abutres. Narra-se casos de sentenciados que resistiram ao martírio durante três, quatro ou cinco dias. Não estava mesmo que do alto do madeiro, o crucificado se dirigisse aos presentes — autoridades e multidão — ora pedindo-lhes graça, ora exprobandos-lhes o comportamento, como sucedeu com certo general cartaginês, acusado de querer bandear-se para o inimigo, com seu exército.

Havia na crucifixão um ritual em que castigos corporais entravam. Primeiramente, fustigava-se o condenado; a seguir, depunha-se-lhe sobre o ombro a cruz que tinha que levar até ao sítio da execução e ligavam-se àquela seus braços. Encetava-se, assim a caminhada lúgubre. Depois, já no local escolhido, erguia-se o lenho com o corpo crucificado. Novo açoitamento e, então... a espera da morte entre dores e tormentos atrozes. Mais tarde quebravam-se as pernas do cadáver e retiravam-no da cruz.

Com exceção da fratura dos membros, por tudo passou Jesus. Depois da farsa de Pilatos, mandando-O a Herodes, que O não julgou e O devolveu coberto de um manto branco, o manto dos loucos; depois da vacilação do governador da Judéia, que não achava culpa no Justo e por isso O não queria crucificar, lançando mão primeiro do indulto, que costumava conceder pela Páscoa, mas que redundou na soltura de Barrabás; após procurar a commutação da pena pela flagelação e vilipêndio, que de nada valeram, pois a turba continuava a exigir a crucifixão, cedeu aquêlê juiz covarde, ante a frase bradada pela multidão que o fêz vacilar no alto

do Litostropos: "Não temos outro rei, senão a César".

Carregou o Salvador a cruz até ao Gólgota. Aí foi crucificado, tendo por companheiros Dimas e Gestas. Sofreu como qualquer mortal o suplício da pena. Teve sede. Deram-Lhe vinagre numa esponja colocada num hissope. Depois o fim: "Está consumado" e "Pai, nas Tuas mãos deponho o Meu espírito".

Ao contrário do que geralmente sucedia, a agonia de Jesus não foi das mais lentas: durou seis horas. Como narra S. Marcos, foi Ele crucificado à hora 3<sup>a</sup>. ou 9 horas, e morreu à hora 9<sup>a</sup>. ou 15 horas. A ciência tem procurado investigar qual a causa do exício relativamente rápido mas é óbvio que só hipóteses e conjeturas podem ser feitas; síncope facilitada por um derrame pleural; síncope de deglutição; rotura do coração; choque emotivo, etc. É o humano a querer perscrutar o divino. O Filho de Deus tinha cumprido Sua missão: dar testemunho da verdade. Nada mais havia, pois, que fazer entre os homens.

E hoje, passados vinte séculos, quando procuramos viver aquêlê momento supremo para todos nós, não é possível espancar da imaginação o lenho onde Jesus foi martirizado e expirou. Dir-se-ia que vemos ainda aquela cruz ereta no outeiro do Calvário, para tôda a eternidade, a atestar que de suplício infamante de escravos tornou-se um símbolo sagrado: o da redenção da humanidade.

## Meu Senhor — e Eu

O Dr. F. B. MEYER conta bela história de uma meninazinha residente num hotel de verão. Estava ela nessa idade probante em que os dedos pequenos começam a deslizar sobre o teclado do piano, tocando por vêzes notas erradas em lugar das certas, e não muito sensível à angústia que essas tentativas são capazes de infligir em outros. Um músico brilhante hospedou-se também no mesmo hotel. Ele a observou por algum tempo, e sentou-se afinal ao lado da pequena executante. Pôs-se, então, a acompanhá-la com as mais estranhas improvisações. Cada nota dela lhe dava novo motivo para acordes de surpreendente beleza, enquanto tôdas as pessoas presentes no salão escutavam, enlevadas. Terminada a execução, o grande músico tomou pela mão a menina, dizendo aos ouvintes que a ela eram devedores pela música que acabavam de ouvir. Os esforços dela é que o haviam levado ao magnífico acompanhamento, mas a sua atuação havia tornado memorável a ocasião.

A presença do Senhor com o cristão é que faz a diferença. Separados d'Ele nada aceitável podemos realizar. Se chegamos a realizá-lo é porque Ele opera conosco e por nosso intermédio. A Ele seja a glória! — *Illustrations for Preachers and Speakers*, por Keith L. Brooks.